

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**  
**– DACEX – ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E**  
**HISTÓRIA NACIONAL -**

**ANDRESSA MARZANI**

**ENTRE AMAZONAS E CIENTISTAS: REPRESENTAÇÕES**  
**DA CIÊNCIA EM A *AMAZÔNIA MISTERIOSA*, DE GASTÃO**  
**CRULS**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**CURITIBA**

**2014**

**ANDRESSA MARZANI**

**ENTRE AMAZONAS E CIENTISTAS: REPRESENTAÇÕES DA  
CIÊNCIA EM A *AMAZÔNIA MISTERIOSA*, DE GASTÃO CRULS**

Monografia apresentada ao curso de  
especialização em Literatura Brasileira e  
História Nacional da Universidade  
Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Especialista em Literatura Brasileira  
e História Nacional.

Prof<sup>ª</sup>. M. Itamar Lopes

**CURITIBA**

**2014**

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir as representações da ciência na obra *A Amazônia misteriosa*, de Gastão Cruls. Por isso, partirá da contextualização histórica do fim do século XIX e início do XX, observando as transformações advindas com a Revolução Industrial e o nascimento de novas correntes de pensamento, como o positivismo cientificista. Além disso, será feita a reflexão sobre a produção literária do momento, em especial a obra de Gastão Cruls, escritor que ficou à margem dos grandes nomes da literatura do período, mas pode ser situado dentro do movimento Pré-Modernista, além de ser um dos primeiros a produzir ficção científica no Brasil.

**Palavras-chave:** ciência; cientificismo; ficção científica; Amazônia.

## Abstract

This paper aims to discuss the representations of science in the work of Gastão Cruls's *A Amazônia misteriosa* (The mysterious Amazon). Therefore, start from the historical context of the end of nineteenth and the beginning of twentieth centuries, observing the transformations rising to the Industrial Revolution and the birth of new currents of thought, as the scientific positivism. Furthermore, will be made the reflection about the literary production of the time, especially the work of Gastão Cruls, a writer who was left out of the great names in literature of the period, but can be situated within the Pre-Modernist movement, addition to being one of the first to produce science fiction in Brazil.

**Keywords:** science; scientificism; science fiction; Amazon.

## **Introdução**

O presente trabalho tem por objetivo discutir a obra de Gastão Cruis, *A Amazônia misteriosa*, através de sua representação da ciência. Para tanto, foi dividido em três capítulos. No primeiro, faremos a abordagem da contextualização histórica da virada do século XIX para o XX, detalhando as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais advindas com a Revolução Industrial, tanto em solo estrangeiro como nacional. Além disso, será feita a discussão das questões relacionadas às novas correntes de pensamento oriundas dessas transformações, e sua relação com a literatura do período. Optamos por introduzir o autor, em uma breve biografia, já nesse capítulo.

O segundo capítulo servirá para detalharmos a narrativa da obra. Além disso, alguns aspectos específicos apresentados no decorrer da história serão discutidos brevemente nesse capítulo. Entre eles, a questão do fantástico, proposta por Todorov, e a recorrência da temática científica em obras do período.

Por fim, o terceiro capítulo se dedica à análise da obra. Para tanto, nos utilizamos aqui tanto de textos de contextualização – como os de Lilia Moritz Schwarcz – como os de discussão do conceito de utopia e representação. Para tanto, nos utilizamos principalmente das obras de Baczko e Roger Chartier.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	4
CAPÍTULO 1 – A MODERNIDADE ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA.....	6
CAPÍTULO 2 – MISTERIOSA AMAZÔNIA .....	24
CAPÍTULO 3 – CIENTIFICISMO E DISTOPIA.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

# Capítulo 1 – A MODERNIDADE ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

## 1.1 O alvorecer do século XX

### 1.1.1 Um admirável mundo novo

Para a melhor compreensão do início do século XX brasileiro, faz-se necessário uma contextualização da virada do século XIX para o XX, em escala global. Durante o período, transformações nos meios econômicos, políticos, sociais e culturais marcariam indelevelmente a vida nas primeiras décadas do novo século.

Essas mudanças foram estimuladas pelas transformações ideológicas decorridas dos eventos do Século das Luzes e, principalmente, de uma nova dinâmica na economia internacional. Com a Revolução Industrial, em fins do século XVIII e, ainda mais, com o advento da Segunda Revolução Industrial ou Revolução Científico-Tecnológica, ocorrida entre os anos de 1850 e 1870, os processos econômicos modificaram-se de maneira intensa e até então inédita.

Inicialmente, a partir da utilização do ferro, do carvão e de máquinas a vapor, a produção de tecidos na Inglaterra conheceu um salto quantitativo e qualitativo, que possibilitou o surgimento das primeiras fábricas e a posterior exportação dos produtos através de novos meios de transporte, como as ferrovias. Entretanto, o momento seguinte, o da Segunda Revolução Industrial, é que veio a modificar significativamente as bases econômicas, políticas e sociais sobre as quais se assentava a cultura ocidental. De acordo com o historiador Nicolau Sevcenko (1998), apesar de ser conhecido como um “segundo momento”, a Revolução Científico-Tecnológica é muito mais complexa e vai além de um simples desdobramento da primeira fase.

Através da aplicação das descobertas científicas, a Segunda Revolução ampliou os horizontes da construção humana, com a manipulação de novos potenciais energéticos – como a eletricidade e os derivados do petróleo – e o surgimento de diversas áreas de exploração. Datam desse período as primeiras indústrias químicas e de metalurgia, com seus grandes complexos. Além disso, esse momento possibilitou o desenvolvimento das áreas de microbiologia, bacteriologia e bioquímica, que tiveram efeitos em campos tão díspares da

atividade humana como a conservação de alimentos, a higiene íntima e o controle de natalidade.

Como comenta Sevckenko (*id.*, p. 8-9), das transformações advindas da Revolução Científico-Tecnológica surgiram os automóveis, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, os parques de diversão elétricos, a seringa hipodérmica, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, os raios-X, os processos de pasteurização e esterilização, os vasos sanitários com descarga automática, o papel higiênico, a escova de dentes, o sabão em pó, os refrigeradores, os refrigerantes, os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a aspirina, a caixa registradora, entre outros.

Praticamente todos os utensílios, medicamentos e alimentos que compõe o que chamamos de “vida moderna” se inserem neste contexto de mudanças. E não apenas no quesito variedade, mas na rapidez com que essas novidades surgiram e se introduziram no cotidiano das pessoas comuns, modificando drasticamente o modo de viver e até de pensar dos indivíduos. Ainda segundo o historiador,

[...] Essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos. De fato, nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos. (*id. ibid.*, p. 7-8).

Para se ter uma ideia das implicações tecnológicas em níveis mais gerais de percepção e imaginário, iremos recorrer à obra de Francisco Foot Hardman (1991), que se debruçou sobre a história da ferrovia Madeira-Mamoré, fruto do ciclo econômico da borracha no norte, construída (e posteriormente abandonada) no meio da selva amazônica. Revendo os relatos sobre as primeiras experiências ferroviárias, afirma o autor que

o século XIX reagia, entre indignação, espanto e encantamento, às criaturas saídas do moderno sistema de fábrica. No vasto e intrincado painel que se desenhava em torno das novas relações entre técnica e sociedade, os efeitos de uma ilusão de ótica generalizada percorriam povos e países, dominavam o olhar das multidões, faziam-se sentir nos veios mais recônditos do planeta (p. 24).

Em apenas um invento, observam-se as impressões e desdobramentos trazidos pelas transformações tecnológicas. Hardman se utiliza do termo *fantasmagoria* para demonstrar as

significações que tiveram essas mudanças. Em princípio categoria estritamente ótica, a denominação ganhou, ao longo do século XIX, uma conotação de ilusão de ótica em termos histórico-sociais. As transformações implicaram na perda dos referenciais óticos sobre os quais a sociedade estava assentada; tudo se tornava fugidio, instável, *fantasmagórico*, “desde que o espaço próximo converteu-se no lugar maior do estranhamento e o tempo pulverizou-se em instantes inacessíveis” (*id.*, p. 27).

“Tudo que é sólido e estável se volatiliza”, frase de Karl Marx e Friedrich Engels (*apud* HARDMAN) ilustra bem a sensação de *estar sem chão*, que o advento da modernidade representou:

[...] nesse plano, a expressão parece metaforizar o impacto das mudanças políticas em curso, os efeitos devastadores do choque entre forças sociais inconciliáveis, a desordem no âmbito da produção de valores materiais/ espirituais, as inversões e rompimentos, enfim, nos atributos e alicerces da cultura” (Hardman, *id.*, *ibid.*).

Essas mudanças levavam também ao ilusório: a ideia de progresso tomava forma, implicando na falsa crença de conforto material, estabilidade e paz – nomes questionáveis quando se reflete sobre os desdobramentos causados pelo processo de industrialização, a ser abordado logo abaixo. Era a animação ilusória dos fetiches na sociedade consumidora, a aparente ordem burguesa dentro do caos.

As rápidas transformações no modo de produção implicaram em dois movimentos que, partindo da Europa inicialmente, e posteriormente dos Estados Unidos e Japão, modificaram também a situação geopolítica mundial. Em primeiro lugar, a busca incessante por matérias-primas disponíveis; em segundo, a necessidade de abertura de um amplo mercado consumidor para os produtos industriais. Da disputa por locais que atendessem a demanda, surgiu o fenômeno do Neocolonialismo ou Imperialismo. Este permitiu não somente a divisão entre os países europeus de áreas ainda não colonizadas, como o restabelecimento dos vínculos de dependência com outras partes de passado colonial, como a América Latina.

Como resultado, houve um avanço do modo de produção industrial sobre as sociedades tradicionais, baseadas em uma economia agrícola, o que acabou por modificar o modo de vida das populações locais. Desestabilizadas em suas estruturas, seus costumes e culturas, muitas viram a irrupção de revoltas e levantes durante boa parte do século XIX e o início do XX.



Aliados a esses fatores, devem ser considerados o ambiente inóspito dos primeiros anos de trabalho fabril e das grandes construções, a morte cotidiana de milhares de trabalhadores, a migração em massa do campo para a cidade, o inchaço urbano, as péssimas condições sanitárias, as mortes durante revoltas e guerras civis advindas desse processo de transformação. Fatores que fazem questionar a ideia linear de progresso que beneficiaria a humanidade de uma forma geral.

Ainda de acordo com Hardman, mesmo a conceituação de uma Revolução Industrial cumulativa e linear é questionável, tendo em vista os inúmeros estudos que indicam a persistência das estruturas mentais do Antigo Regime ao longo do processo de industrialização europeia. Diversamente, o que ocorreu foi uma superposição de diferentes estados econômicos, políticos e sociais, em que estruturas agrárias arcaicas conviviam contraditoriamente com o cosmopolitismo da moderna urbe. Não se pode pensar em outros termos para a situação brasileira, em que o arcaísmo de um país recém-saído de seu passado colonial convivia com as novidades tecnológicas, geralmente vindas (e impostas) de fora.

### 1.1.2 O país em ritmo de mudanças

Dentro deste processo, interessa para esse estudo o que ocorreu em território brasileiro. Como parte da dinâmica internacional de conquista e formação de novos mercados, a Guerra do Paraguai eclodiu em 1865, envolvendo Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, e perdurou por cinco anos. O endividamento e o descontentamento provocados pela guerra auxiliaram na derrocada da monarquia. Ainda em 1870, fundou-se o Partido Republicano. A movimentação possibilitou o surgimento de uma nova elite de intelectuais, artistas, militares e políticos que propunham – mesmo que com incongruências internas – a modernização das estruturas econômicas e políticas sob as quais o Império se assentava. Entre algumas das propostas, estavam a abolição da escravatura e a abertura da economia aos capitais estrangeiros.

Esses grupos tinham como inspiração as correntes de pensamento denominadas científicas, como o darwinismo social spenceriano, o monismo alemão e o positivismo francês de Auguste Comte – que serão exploradas ao longo desse capítulo. Como principal base de apoio econômico e político, possuíam as oligarquias da economia cafeeira – e em menor escala, da pecuarista – em expansão. Destarte, quando da Proclamação da República, em 1889, verificaram-se medidas de fomento para esses setores – além de incentivos para

setores menores, mas lucrativos da economia, como o ciclo da borracha no norte – com o intuito de promover o que se acreditava ser a modernização do país.

Algumas das medidas tomadas, como a criação de um mercado de ações, possibilitaram o evento conhecido como “Encilhamento”. Tratou-se de uma grande fraude especulativa que arruinou capitalistas proeminentes, ao mesmo tempo em que permitiu a ascensão de uma camada dos chamados arrivistas, enriquecidos em negociatas ilegais e na especulação financeira dos primeiros anos republicanos. Ainda segundo Sevckenko, controversamente essa camada se transformaria, em conjunto com os cafeicultores, na principal base social e econômica da elite cientificista inspirada no racionalismo positivista (*op. cit.*, p. 15). Processo que afetou a vida cotidiana da população de um modo geral, já que as transformações acarretariam também em variações nos valores de itens como imóveis e gêneros alimentícios.

Apesar de assentar as suas bases na dinâmica econômica oligárquica, esses grupos dividiam espaço na vida política com outros estratos, como uma nascente burguesia industrial nos estados do Rio e São Paulo, profissionais liberais, e grupos ligados ao Exército, que se faziam presentes desde a Proclamação da República.

Dentro dessa configuração, o país vivia um processo de rápidas mudanças, com a vinda, desde meados do século XIX, de levas de imigrantes europeus – concentrados principalmente nas regiões Sudeste e Sul –, uma ainda incipiente industrialização e a urbanização cada vez maior dos espaços. Por outro lado, antigos escravos e seus descendentes acabaram marginalizados, transformando a feição das classes médias e operárias brasileiras. De acordo com Alfredo Bosi (1975, p. 399), a vida pública brasileira do período era marcada “de um lado, [por] arranjos políticos manejados pelas oligarquias rurais; de outro, [pelos] novos estratos sócioeconômicos que o poder oficial não representava.”.

Assim sendo, correntes ideológicas conflitantes se encontravam no cenário nacional: o tradicionalismo de um mundo agrário arcaico, e as novas possibilidades permitidas pelo dinamismo urbano. Em seus limites, a situação poderia gerar diferentes reações, como uma visão saudosista de mundo, uma atitude pequeno-burguesa que poderia comportar ressentimento ou reformismo, um liberalismo de traços anárquicos e, ainda, uma posição francamente revolucionária. Contudo, ressalta Bosi que

Não se deve esquecer, porém, que esse esquema indicativo só funciona quando articulado com a realidade de um Brasil plural, onde os níveis de consciência se manifestavam em ritmos diversos. Assim, os conflitos deram-se em tempos e lugares diferentes, não raro parecendo exprimir tensões meramente locais. (p. 340)

Deste modo, eventos díspares como as greves operárias de 1917-1919 em São Paulo, ou movimentos de religiosidade popular como Canudos e Contestado, demonstravam uma sociedade em contradição, buscando sua identidade frente tantas e tão rápidas mudanças. Diante desse quadro singular situou-se o intelectual do início do século XX que, fazendo suas escolhas, acabou imprimindo este ou aquele tom ideológico a seu trabalho, em especial na produção literária brasileira.

## 1.2 Uma nova elite intelectual

Antes da discussão sobre a literatura do período, faz-se necessário conhecer as especificidades das elites intelectuais que surgiram nesse contexto. Inspiradas pelas correntes científicas, oriundas da Europa, essas elites procuraram transformar o país com base no pensamento que acompanhava o desenvolvimento industrial mundial. Para a melhor compreensão do fenômeno em território brasileiro, principiaremos por uma breve discussão sobre a gênese e a evolução do pensamento científico na Europa.

### 1.2.1 A ciência como base da evolução humana

De acordo com Ricardo Vélez Rodrigues (1982), o pensamento científico deve muito à obra e à escola do Conde Claude de Saint-Simon (1760-1825). Seus escritos inspiraram a criação de uma corrente que previa a inexorabilidade do progresso tecnológico e científico, através do qual a sociedade se organizaria de forma mais orgânica e justa.

Acompanhando o desenvolvimento industrial da época, o pensador francês acreditava que a sociedade se encaminhava inevitavelmente para uma organização em termos científicos e tecnológicos. A industrialização era, pois, irreversível. Através dela, a sociedade poderia se reorganizar de forma mais igualitária. No entanto, Saint-Simon era “aristocrata demais para propor que o povo seria capaz de fazer essa renovação sozinho ” (BRÉHIER *apud* RODRIGUES, *id.*, p. 15). Destarte, acreditava que uma elite pensante – os *savants positifs* – deveria tomar para si a responsabilidade do esclarecimento e da gestão das classes menos favorecidas. Em um trabalho conjunto com os industriais, estes deveriam persuadir e mobilizar a população, por meios pacíficos, em prol de um ideal maior.

Em que pese o papel destas duas classes, o diferencial apresentado no pensamento simoniano é o elemento religioso. O filósofo, percebendo a importância da religião – em especial o cristianismo – no pensamento e na vivência ocidentais, propôs a reformulação desta em função da sociedade industrial nascente. Deste modo, uma nova forma religiosa adviria, o “cristianismo geral e definitivo”, em que a instituição religiosa incorporaria as conquistas industriais e tecnológicas. Não deveria haver divisões entre o poder espiritual e o poder temporal, mas sim interligação; seria através de uma nova Igreja, personificação desta religião, que a transição para a sociedade industrial ocorreria.

As ideias simonianas logo conheceram muitos adeptos, que se organizaram e passaram a divulgá-las, principalmente através da imprensa e de panfletos. Um dos jornais mais conhecidos do grupo, o *Producteur*, contou com a colaboração de Auguste Comte, o estruturador do positivismo francês. Segundo Rodrigues, Comte desde cedo acreditava que seu trabalho deveria ser um esforço de salvação da anarquia em que se encontrava a sociedade francesa após a Revolução de 1789. No entanto, apenas nos anos finais de sua vida se pôs a elaborar uma síntese de seu pensamento.

Apesar da influência simoniana, Comte rompeu com seu mestre em 1824, por entender que este deixava em segundo plano a mudança no conhecimento em prol de uma práxis política. Para Comte, a regeneração social deveria partir de uma reformulação do saber e da forma de pensar humanos. Segundo ele, a humanidade passou por três estágios de tentativa de compreensão da realidade: o *teológico*, o *metafísico* e o *positivo*. No primeiro, as forças sobrenaturais dominaram. No segundo, a humanidade buscou o aperfeiçoamento do conhecimento; no entanto, esse estágio foi marcado pela crítica vazia e pela desordem. Apenas no terceiro – ainda por vir – é que a humanidade encontraria a explicação satisfatória, por meio da substituição das hipóteses religiosas ou metafísicas pelas leis científicas.

Assim como em Saint-Simon, o pensamento comteano prevê a inevitabilidade da sociedade industrial. Outra semelhança na obra dos dois filósofos se dá no papel atribuído às elites intelectuais. Para Comte, os “sábios” ou aqueles que cultivam o “saber positivo” seriam os responsáveis por indicar a direção da sociedade aos demais, tendo como apoio a base material oferecida pelos industriais. Apesar de não se utilizar de uma linguagem de caráter messiânico em seus primeiros escritos – diferentemente de Saint-Simon –, Comte coloca essas elites intelectuais como únicas detentoras do conhecimento que poderia regenerar a sociedade. É clara a relação com a ideia de missão salvadora, em que os elementos políticos e religiosos se mesclam e se complementam. E essa missão segue o curso de um destino

inevitável: a marcha natural da civilização, o progresso inexorável. Ainda de acordo com Rodrigues,

Como em Saint-Simon, portanto, o plano salvífico da sociedade desenvolve-se dentro de uma visão determinística do homem, em que a ação humana não vale senão na medida em que se exerça “no sentido da força da civilização [...]”. (p. 25).

Os escritos de Auguste Comte vão aos poucos adquirindo um caráter messiânico. Data de 1845 a formulação da ideia de “Religião da Humanidade”, espécie de instituição religiosa civil fundamentada nos ideais positivistas. Em 1848, criou uma Sociedade Positivista, que no ano de 1849 se transformaria em uma Igreja, com dogmas, hierarquia, adoção de alguns rituais e a utilização de um calendário positivista. Foi ainda nessa fase que Comte escreveu a maior parte de suas obras.

Sem ater-se nos detalhes da Igreja Positivista – desnecessário para esse estudo –, vale ressaltar que o aprofundamento do caráter messiânico na obra comtiana resultou em duas características que, embora pareçam alheias ao todo, são marcantes: a vigência da obediência e o autoritarismo. Assim como em Saint-Simon, o pensamento comtiano prevê a necessidade de obediência dos indivíduos ao poder, em favor do progresso e da organicidade da sociedade. Além disso, a ideia de um líder de caráter místico ou de uma elite detentora do saber implica em um controle do homem que, segundo Rodrigues, mesmo sem a intenção de seus proponentes acabou por influenciar os autoritarismos e totalitarismos do século XX.

Essa última característica seria verificada em alguns casos da aplicação prática das ideias positivistas no Brasil, como observado no exemplo do centralismo autoritário do governo de Floriano Peixoto.

### 1.2.2 O positivismo no Brasil

A introdução do positivismo em solo brasileiro se deu, inicialmente, através da veia cientificista pombalina. Em Portugal – do qual o Brasil seria receptáculo de influências –, o positivismo se desenvolveu em seu caráter pedagógico, e não religioso. Destarte, a vertente religiosa daria aqui menor influência. A difusão das ideias comtianas ocorreu em princípio entre as escolas de Medicina e Direito, e logo o positivismo alcançou grande repercussão entre a intelectualidade. Além disso, sua instituição por excelência foi a Academia Militar, que legou em território nacional uma importante força positivista dentro dos aparatos militares, e acabou por influenciar a Proclamação da República em 1889.

A primeira associação positivista no Brasil foi criada em 1876, por iniciativa de um professor de Matemática do Colégio Pedro II. Dela participaram nomes como Benjamin Constant e Álvaro de Oliveira. O grupo não mantinha atuação militante, mas apenas uma biblioteca e alguns cursos direcionados. Posteriormente, outros grupos surgiram, com orientações diversas, como ocorria na Europa. Segundo Antonio Paim,

[...] o surto de ideias novas marchava no sentido de uma nítida diferenciação. De um lado, alguns grupos aderiam ao positivismo de Emile Littré, que recusava a parcela religiosa da obra de Comte, com o que se abria o caminho à penetração do positivismo inglês, primeiro através de Stuart Mill e, subsequentemente, de Herbert Spencer (1820/1903). Ao mesmo tempo, Tobias Barreto (1839/1889) aprofundava o seu rompimento com toda espécie de positivismo, o que iria ensejar a criação da Escola do Recife. Outros ainda iriam preocupar-se em especial com a aplicação das ideias positivistas à reforma política. (PAIM *apud* RODRIGUES, *id. ibid.*, p. 34).

As vertentes religiosas do positivismo apareceriam com a fundação da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro (1879) – que, do pluralismo inicial passaria à restrita ortodoxia – e da Igreja Positivista Brasileira (1881), ambas obras de Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Eram caracterizadas pela ortodoxia comteana e pelo misticismo ritualístico próprio da fase religiosa das obras do pensador francês. No caso da Igreja Positivista, seus Estatutos apresentavam normas tão restritivas a seus membros que impossibilitavam estes de exercerem cargos públicos ou mesmo funções acadêmicas. Sobre isso, descreve Ivan Lins (1967):

Apresentando a ascética austeridade e a inflexível rigidez das ordens monásticas, os Estatutos da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil isolavam do mundo os seus sequazes e transformavam o seu grêmio ao qual só faltaram as margens do Nilo para que nele fosse revivido, em sua plenitude, o ambiente dos primeiros séculos cristãos (p. 416).

Essa ortodoxia levaria a várias dissidências, entre elas a de Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, e acabaria por isolar e enfraquecer a Igreja enquanto instituição ativa dentro do esquema político republicano. No entanto, cabe ressaltar, como o faz Rodrigues (*op.cit.*, p. 39), que o dogmatismo presente nessa vertente não provinha apenas da profissão de fé exercida por seus fundadores, mas estava presente nos escritos mais radicais de Auguste Comte.

Diferente das correntes positivistas heterodoxas, que acabaram por determinar a Proclamação da República em 1889 e os anos posteriores, o Apostolado Positivista deteve influência limitada na política dos primeiros anos republicanos, como determinar o desenho

da bandeira nacional, a forma de saudação oficial, entre outros aspectos menores (CARVALHO, 1990).

Um ponto importante a ser ressaltado é que as correntes heterodoxas, que influenciaram sobremaneira o modo de pensar da elite dominante da República Velha, refletiam o pensamento neocolonizador europeu, sem o questionar. Destarte, acreditavam na força do progresso científico linear, sem, contudo aperceber-se das peculiaridades sócio-históricas do país.

José Murilo de Carvalho, ao estudar a ascensão da República no Brasil, discute a incongruência entre a elite que a proclamou, e as massas, que assistiram atônitas e “bestializadas” o movimento das tropas, sem entender muito bem seu real significado (LOBO *apud* CARVALHO, 1987, p. 09). Na visão das elites, a população era despolitizada e não se interessava pelos acontecimentos. O autor, no entanto, demonstra que a população participava ativamente em casos isolados – como o da Revolta da Vacina, em 1904 – contra o que acreditava ser um abuso ou distorção. Não se tratava, nesse sentido, de despolitização, mas de uma visão do Estado como algo fora do controle, externo à vida cotidiana do cidadão comum – visão que a estrutura social e a ideologia política “importada” reafirmavam.

Deste modo, a República proclamada deu-se de forma “incompleta”, insatisfatória tanto para as elites intelectuais, que se espelhavam em um modelo europeu de modernização e de participação ativa da sociedade no cenário político, quanto para as camadas subalternas. Nicolau Sevcenko, em sua obra *Literatura como missão* (1983), ao discutir a realização desta República, demonstra que a imposição de uma modernização, principalmente na capital federal, prejudicou as camadas mais baixas da população, que sofriam com as desapropriações (os “bota-abaxos”), a miséria, a falta de oportunidades e a marginalização.

Destarte, o modo como a política republicana foi conduzida nos primeiros anos, sobretudo no período florianista – marcado por perseguições, mortes e exílios, principalmente do que restava dos setores monárquicos no Brasil e dos *jacobinistas*, os republicanos mais radicais –, desagradou também muitos dos positivistas históricos, como Euclides da Cunha. Este percebia que a ascensão do regime por si só não modificaria a sociedade. Sua atuação como jornalista na Guerra de Canudos, de cujos escritos derivaria a obra-prima *Os Sertões*, aguça essa visão e o faz perceber a crueldade da repressão republicana, mesmo frente ao reduto conselheirista, do qual não compartilhava os ideais. Essa insatisfação seria partilhada por uma parcela da intelectualidade, de maneira diversificada, discussão que abordaremos abaixo.

### 1.3 A literatura pré-modernista

#### 1.3.1 A prosa entre o academismo e a crítica

As duas primeiras décadas do século XX costumam ser denominadas pela crítica literária, de maneira geral, como Pré-Modernismo. Este termo está vinculado ao período do intervalo representado pelo desaparecimento da Geração de 1870, e pelo enfraquecimento das correntes Parnasiana e Simbolista, de um lado, e a eclosão do movimento modernista em 1922, de outro. Apesar disso, sua utilização se dá de maneira diversa, às vezes significando um grande período intervalar, como em Miceli (2001); e outras, para designar apenas autores e obras que já prenunciavam as mudanças estéticas ou temáticas trazidas pelo Modernismo. E, ainda, em Antonio Candido (2006), vê-se a opção pelo termo Pós-Romântico, para designar o grande período entre 1880 e 1922.

Com o fim de evitar discussões que não cabem na proposta deste trabalho, optou-se pela apropriação da definição feita por Bosi, que considera a literatura pré-modernista como “tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (*op. cit.*, p. 342). Além disso, esse estudo trata apenas da produção em prosa do período, uma vez que o objeto de estudo é um romance, e a poesia um capítulo à parte, que mereceria detalhamento maior em outro trabalho.

Contudo, se o termo Pré-Modernismo e sua delimitação temporal não são consensos, os autores aqui referidos parecem concordar nas características gerais que marcaram a produção do período. De acordo com Candido, tratava-se de

uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo europeia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academismo. (*op.cit.*, p. 119).

Conhecida por sua estagnação em termos temáticos e estéticos, a maior parte da literatura do *fin-de-siècle* preocupou-se muito mais com o estilo apurado do que com a temática. Marcada por uma cultura de intelectuais que transitavam em torno da Academia, da grande imprensa, da burocracia estatal e da boemia carioca, essa fase “admirou supremamente esse estilo floreal, réplica nas letras do ‘*art nouveau*’ arquitetônico e decorativo que então exprimia as resistências do artesanato à Segunda Revolução Industrial” (BOSI, *op. cit.*, p.



219). Detinham grande prestígio, então, nomes de técnica apurada como Coelho Neto e Afrânio Peixoto.

Mesmo no caso de autores com preocupações regionais, como Simões Lopes Neto ou Valdomiro Silveira, as características gerais das obras ainda detinham muito do mimetismo herdado do Realismo naturalista. Afora estes, o movimento Simbolista denotava traços de maior originalidade; entretanto, mesmo os simbolistas não seriam capazes de criar um movimento forte o suficiente para superar os vícios academicistas (*id., ibid.*, p. 220).

Vale lembrar que o período foi marcado por grandes transformações na produção da atividade intelectual no país. O advento da República, a crescente urbanização – impulsionada por novas dinâmicas econômicas – e a modernização de diversos campos da atividade humana, fruto da industrialização e das novidades tecnológicas, implicaram em significativas mudanças no fazer literário. A começar pela modificação no modo de produzir livros e impressos, que ganharam em quantidade e qualidade com novos modos de impressão.

Frente a um mercado editorial que – embora crescente – era ainda incipiente, e a uma esmagadora maioria de não leitores, semi ou totalmente analfabetos, a criação literária iria se atrelar à imprensa jornalística e aos meios burocráticos estatais, como modos de sobrevivência. Sérgio Miceli, em capítulo de sua obra já citada, demonstra que a profissionalização dos literatos ocorreu, principalmente nos casos em que os escritores detinham poucos meios de subsistência, intimamente relacionada à produção jornalística da grande imprensa e ao oferecimento de cargos burocráticos estatais.

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. (MICELI, *op. cit.*, p. 17).

Esses grupos, geralmente oligarquias econômicas e políticas que também possuíam o domínio sobre a imprensa maior, conseguiram cooptar a maioria dos escritores, que acabaram por seguir os novos valores estéticos e culturais, sobretudo franceses, de que o Brasil foi receptáculo. Miceli denomina esses escritores como “anatolianos”, tendo por base o escritor francês Anatole France, uma das grandes referências dos intelectuais brasileiros. No entanto, esse relacionamento entre imprensa, Estado e escritores se deu de maneira diversificada em seus diversos casos, apesar da vigência da dependência intelectual como regra.

Destarte, se o montante da literatura do período não implicou em grandes inovações, alguns nomes se sobressaem, justamente por se diferenciarem da cultura oficial e do

“verbalismo”, como o denomina Bosi. São eles: Lima Barreto e Graça Aranha na prosa, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Vianna nos ensaios de cunho sociológico, e Monteiro Lobato na vivência nacional através da literatura e de diversas campanhas.

Alguns desses nomes traçaram caminhos diversos na literatura; no entanto, conseguiram apreender o Brasil de forma por vezes semelhante. É o caso de Euclides da Cunha e Lima Barreto, talvez os dois maiores nomes do período. No já referido *Literatura como missão*, Sevcenko (*op. cit.*) demonstra terem os dois trilhado caminhos diversos na literatura. Apesar disso, marcaram sua produção com impressões parecidas sobre o período. Euclides da Cunha, militar de formação e adepto do positivismo republicano, logo se desilude com a política opressora e excludente dos primeiros anos do regime. Já Lima Barreto, descendente de escravos, de origem mais humilde, que conseguiu manter-se apenas do funcionalismo público mediano, acreditava que o advento do novo sistema político havia inclusive piorado as condições de vida mais gerais. Era saudosista da monarquia.

A preocupação com as questões brasileiras em suas obras perpassa caminhos diversos. Euclides, que discutia na maior parte de sua obra o sertão e o sertanejo, depositava, contudo, maiores esperanças na vida litorânea e urbana. Era entusiasta do sistema cafeeiro, contanto que fosse bem administrado, e da industrialização, como saída para o crescimento do país. Assim mesmo, coloca a figura do sertanejo, descendente das etnias portuguesa e indígena, como um representante legítimo do Brasil, símbolo de altruísmo e determinação.

Já Lima Barreto, habitante de uma cidade litorânea, cativado pelo mar e pela vida nas grandes cidades, acreditava que o país só se conheceria realmente através de um reencontro com suas origens arcaicas e rurais, de um retorno ao interior. Mas, assim como Euclides da Cunha, expressava suas ideias por inversão: para ele, o representante mais característico do país seria o habitante litorâneo, o afrodescendente, em especial o carioca.

No entanto, o que se percebe das duas obras é a mesma identificação pelo homem de origem humilde, de vida errante, levado pelas condições socioeconômicas à mendicância, ao alcoolismo, à desesperada procura por soluções religiosas heterodoxas. Suas trajetórias de vida pessoal e social, juntamente com sua visão de mundo, os levaram a escrever sobre a dureza da vida, a desilusão, a crueza da realidade social. Por se tratar de figuras ímpares, amarguradas e desiludidas, e por terem desenvolvido uma consciência aguda de seu tempo, os dois autores conseguiram problematizar os principais conflitos e problemas da Primeira República e de uma *Belle Époque* importada de fora e introjetada no país, à revelia de sua estrutura agrária, das condições de vida precárias de sua população, e das diferenças culturais.

Apesar da consideração feita por Miceli (*op. cit.*) de Lima Barreto como um “anatoliano” – visto esse sobreviver à custa da atividade jornalística e de um cargo burocrático menor –, podemos afirmar que o escritor soube superar sua inicial dependência, refletindo em seus escritos as questões sociais mais prementes do período. Para Bosi, é essa acurada percepção do contexto – além do mero culto da forma – que define os autores como pré-modernistas, de maneira geral. Seja através dos autores supracitados, ou ainda das pesquisas de Monteiro Lobato e da sociologia de Alberto Torres, a produção escrita do período conheceu lampejos das pesquisas estéticas e sociais que vigorariam a partir do Modernismo.

### 1.3.2 O Modernismo

Contudo, seria a partir do movimento desencadeado pela Semana Moderna de 1922 que as bases para uma nova produção literária seriam lançadas. Apesar de ser um movimento que já vinha se delineando antes da Semana, com a influência das correntes estéticas de vanguarda europeias e as experimentações dos autores supracitados, foi com o polêmico evento de 1922 que a ruptura tornou-se completa. Nas palavras de Candido, a Semana foi realmente o “catalisador da nova literatura” (*op. cit.*, p. 124), proporcionando uma verdadeira renovação em diversos campos de expressão como a prosa, as artes plásticas e a poesia.

Não cabe aqui um estudo minucioso de seus antecedentes ou dos eventos que marcaram a Semana em si; portanto, far-se-á apenas a abordagem de aspectos e influências mais latentes, com o fim de relacioná-los à obra que será tomada aqui como objeto de estudo. De acordo com Bosi,

Conhecendo e respirando a linguagem de Nietzsche, de Freud, de Bergson, de Rimbaud, de Marinetti, de Gide e de Proust, os jovens mais lúcidos de 22 fizeram a nossa vida mental dar o salto qualitativo que as novas estruturas sociais já estavam a exigir. Nesse abrir-se ao mundo contemporâneo, o Brasil reiterava a condição de país periférico, semicolonial, buscando normalmente na Europa, como o fizera em 1830 com o Romantismo ou em 1880 com o Realismo, as chaves de interpretação de sua própria realidade. Entretanto, a mesma corrente que fora aprender junto à arte ocidental modos novos de expressão refluiu para um conhecimento mais livre e direto do Brasil: o nacionalismo seria o outro lado da práxis modernista. (*op.cit.*, p. 232)

Retomando e aprofundando as pesquisas nos campos estético e social, os modernistas tomaram como uma das preocupações principais de suas obras a questão nacional. De acordo com Daniel Pécaut, “de maneiras diversas, sucessivas gerações de intelectuais brasileiros

invocaram a ‘realidade nacional’” (1990, p. 6). Contudo, com o Modernismo essa preocupação com o nacional cria contornos mais definidos, em que se via na própria tessitura formal das obras a necessidade de explorar o território nacional, suas gentes, seus costumes ainda pouco conhecidos.

### 1.3.3 Um médico na literatura

Desta feita, a literatura surgente entre fins do século XIX e início do XX passou da preocupação puramente estética para os domínios do social e da análise psicológica. Embora autores como Bosi e Candido não citem Gastão Cruls em seus compêndios, estudos mais recentes intentaram a recuperação da literatura de Cruls enquanto autêntica produção desse período de transição. Nesse estudo, nos utilizaremos apenas da dissertação de Cláudio Silveira Maia (2005), que propõe uma nova recepção para a obra de Cruls. Não cabe aqui a discussão dos motivos que excluíram por muito tempo o autor dos cânones da literatura brasileira; mas, apenas, entender seu lugar renovado dentro dessa história literária. Afirma Maia:

Uma olhada em obras de Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, Graça Aranha, Antônio Torres, Lima Barreto, José Geraldo Vieira, Peregrino Junior, Monteiro Lobato e Gastão Cruls, por exemplo, nos permite observar traços profundos de uma arte nova, independente e reanimada, voltada para o social e o psicológico no campo e na cidade, através de uma (re) visão do regionalismo brasileiro. (MAIA, *id.*, p. 133).

Para Maia, a obra de Cruls pode ser alçada a uma posição mais elevada dentro da literatura brasileira, visto conter a dupla característica – a análise psicológica e o regionalismo – que o enquadram nas acepções pré-modernistas de autores como Bosi e outros aqui já citados. Afinal, as obras de Cruls se detêm em elementos de caráter genuinamente brasileiro, e apresentam uma preocupação com o regional e o social próprias do clima intelectual que abriu caminho para o movimento de 1922.

O escritor do início do século estava, portanto, atento aos acontecimentos à sua volta e às questões prementes em seu país. De acordo com Maia, uma produção artística surge, repensando as relações entre os homens e entre estes e a natureza. À rapidez das transformações tecnológicas da era moderna, muitos escritores do período voltam seu olhar para o interior, o campo e as paragens desconhecidas. Nesse sentido, o “voltar os olhos para o interior do ser e da terra, é uma procura por refúgio, abrigo e esperança” (*id.*, p. 134).

Um dos maiores propiciadores dessa mudança foi o advento da Primeira Guerra Mundial, até então o maior combate envolvendo número significativo de nações já visto. No século XIX, a maior guerra havia sido interna – a Guerra Civil Americana, de 1861 a 1865 (HOBSBAWN, 2008, p. 30). Entretanto, o século XX observaria em seu alvorecer o sangrento conflito que deu fim à *Belle Époque* e assinalou o colapso da civilização ocidental em suas bases capitalista, liberal, burguesa e exultante da ciência (*id.*, p. 16).

A guerra foi também o primeiro conflito em que os produtos do desenvolvimento científico foram utilizados exclusivamente para destruir e matar. De acordo com Alexander Meireles Silva “o submarino, a metralhadora, os lança chamas, os projéteis explosivos e o avião foram algumas das inovações tecnológicas que estream como armas de guerra em 1914.” (SILVA, 2008, p. 130). Frente aos dez milhões de mortos, a ideia da ciência como mote do progresso indelével da humanidade caía por terra. Mesmo seu fim, em 1918, não significou a paz. Diversamente, implicou na desestruturação de diversos países, que se viram às voltas com revoltas, crises financeiras e profundas transformações políticas. A arte volta-se então para essas questões, transformada tanto em suas temáticas quanto na estética de suas produções. Parafraçando Maia,

naturalmente, essa caracterização da arte não era novidade, mas talvez ela nunca tenha sido tão necessária, e talvez nunca tantos artistas tenham sentido ao mesmo tempo as mesmas necessidades, medos e dramas de uma realidade nitidamente, para eles, sombria. (MAIA, *op. cit.*, p. 134)

A todas esses pontos Gastão Cruls se apresenta atento. A narrativa de *A Amazônia misteriosa* apresenta mesmo, além de discussões sobre o território brasileiro e suas gentes, os conflitos na Europa. A cronologia dos eventos, como veremos no próximo capítulo, se passa durante a vigência da guerra, e seus personagens acabam por se relacionar, mesmo que indiretamente, com os posicionamentos do conflito.

Além disso, outros elementos importantes presentes na obra de Cruls, e que irão permear muito da produção da ficção científica do período, são as questões do *darwinismo* social e da eugenia (SILVA, *op. cit.*, p. 132) – questões intimamente relacionadas com o advento da ciência e a ideia do progresso. A elas retornaremos no próximo capítulo. Por ora, cabe aqui um breve apanhado da vida do autor, para melhor compreensão de seu contexto de escrita.

Gastão Cruls nasceu no Rio de Janeiro, no dia 4 de maio de 1888. Era filho do cientista belga Luís Cruls, autor de *Planalto central do Brasil*. Residiu por alguns anos com

sua família em Petrópolis. Posteriormente, retornou para o Rio de Janeiro, concluindo seus estudos preparatórios para a faculdade no Colégio Pedro II.

Ingressou no curso de Medicina em 1905. Durante a faculdade, foi interno na enfermaria do Professor Miguel Couto, frequentando também a enfermaria do Prof. Paes Leme, nomes de peso da Medicina da época. Ainda estudante, Cruls entrou para a Assistência Pública como auxiliar-acadêmico, permanecendo no estabelecimento até 1921, onde exerceu também as funções de subcomissário e comissário médico. Formou-se em Medicina em 1910, como médico sanitarista.

Embora tivesse escolhido a profissão por gosto, Gastão Cruls acabou se desiludindo com a carreira, e foi progressivamente abandonando as funções clínicas, ficando por fim responsável apenas pelas atividades administrativas correlatas. Paralelamente, seu envolvimento com a literatura foi crescendo até que, em 1926, o autor deixou outras atividades de lado para se dedicar somente à escrita (IACHTECHEN, 2008, p. 79). Seus primeiros contos surgiram entre 1914 e 1915, com algumas publicações na *Revista do Brasil* de Monteiro Lobato, sob o pseudônimo de Sérgio Espínola. Estes contos iriam mais tarde integrar seu livro de estreia, *Coivara*, lançado em 1920.

Seu nome ficou por tempos desconhecido dos círculos literários, já que Cruls era médico e não costumava frequentar o meio artístico. Além disso, entre seus amigos somente um era de fato escritor – Alberto Rangel, autor de *Inferno Verde*, obra que também tem a Amazônia por pano de fundo. Sua primeira aparição nos meios literários do Rio de Janeiro data de 1917, quando travou contato com Antônio Torres e passou a frequentar o grupo deste autor, em que circulavam nomes como Gilberto Amado. As reuniões geralmente ocorriam no Bar Nacional.

Desde seus primeiros contos, sua escrita apresenta vestígios de suas experiências como médico. Em alguns casos, como nos contos de *Ao embalo da rede*, livro de 1923, Gastão Cruls utiliza-se de cenas que presenciou na Paraíba do Norte, enquanto médico sanitarista da Comissão de Saneamento Rural. Em outros, transparecem alguns motivos que o levaram a abandonar a carreira, como a desilusão com a capacidade de cura da Medicina, ou o caráter antiético que a ciência porventura assumia.

Foi com *A Amazônia misteriosa*, obra lançada em 1925, que Cruls recebeu maior reconhecimento. A obra foi escrita sem que o autor tivesse conhecido de fato a região amazônica; no entanto, foi fruto de extensa pesquisa bibliográfica sobre o assunto. Foi bem recebida pela crítica, como se denota por afirmativas como as de Humberto de Campos:

“escrito em inglês, ele seria, talvez, hoje, famoso e universal” (CAMPOS *apud* VILELA, 2012, p. 3). Outros romances sucederam esta obra: *Elsa e Helena*, de 1927, e *A criação e o criador*, de 1928. Neste mesmo ano, o autor finalmente conheceu a Amazônia descrita em seus livros, acompanhando a expedição do General Rondon até a fronteira entre o Brasil e a Guiana Holandesa. Desta experiência, resultou o livro *A Amazônia que eu vi*, publicado em 1930.

Gastão Cruls ainda participou da fundação da Editora Ariel, juntamente com Agripino Grieco e, entre os anos de 1931 e 1938, dirigiu a revista *Boletim de Ariel*, de sua editora. Nesse ínterim, publicou ainda o romance *Vertigem*, em 1934, e o livro de contos *História puxa história*, de 1938. Dez anos depois de sua primeira viagem, foi novamente para a Amazônia, experiência que resultou no trabalho *Hiléia amazônica*, lançado em 1944. Após um hiato, lançou em 1947 o estudo histórico *Aparência do Rio de Janeiro*, laureado com o Prêmio Vieira Fazenda pela Prefeitura do então Distrito Federal. Seus últimos escritos foram *Antônio Torres e seus amigos*, de 1950, e *De pai para filho*, de 1954, obra agraciada com o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa pelo Pen Clube do Brasil. Deixou dois projetos inacabados: os romances *Angra* e *Glória* – que teria novamente a Amazônia como pano de fundo.

Além disso, o escritor foi o primeiro bibliotecário da antiga Universidade do Distrito Federal, cargo que exerceu por pouco tempo. Também atuou como médico sanitário do Ministério da Saúde e Educação até 1939, e deste ano em diante como Chefe da Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo da Prefeitura do Distrito Federal. De acordo com Miceli, era costumeira a prática, visto que boa parcela dos intelectuais do período entre 1930 e 1940 tenderam a ocupar cargos em que podiam fazer valer de alguma maneira seu saber especializado (*op. cit.*, p. 213). Faleceu em 5 de junho de 1959, aos 71 anos.

Gastão Cruls conheceu relativo sucesso literário em sua época – sendo inclusive elogiado entre contemporâneos de renome literário, como Lima Barreto e Rachel de Queiroz, que o denominava “a grande flor flamenga” (MAIA, *op. cit.*, p. 16), por conta de sua ascendência belga. Apesar disso, sua obra acabou caindo no ostracismo, e hoje em dia é pouco conhecida, mesmo em meios acadêmicos. Fica por muito tempo fora dos grandes compêndios da história literária como os de Candido e Bosi, aqui anteriormente revisitados, reaparecendo apenas em obras mais recentes, como as de Afrânio Coutinho. Como já comentado, devido a proposta deste estudo, não nos deteremos nos motivos que fizeram Cruls permanecer quase desconhecido. Cabe, agora, deitarmos-nos sobre a análise de sua obra, *A Amazônia misteriosa*.

## Capítulo 2 – MISTERIOSA AMAZÔNIA

A história contida em *A Amazônia misteriosa*, conforme já comentado nesse estudo, foi escrita sem que o autor tivesse realmente conhecido a região. Contudo, Gastão Cruls baseou-se em extensa pesquisa, tendo como referência tanto relatos de viagem como narrativas de mitos e lendas amazônicos. Sua obra está, portanto, permeada por representações relacionadas ao imaginário do local. Ou seja, “Cruls não havendo estado na região, descreve-a através de uma relação estabelecida com o mundo que o cerca, principalmente através da sua leitura, leituras estas em obras que retrataram sobre a Amazônia em seus aspectos, naturais e culturais.” (LIMA; COSTA JÚNIOR, 2011, p. 224).

Ao longo do texto essas leituras vão sendo referenciadas: *Descubrimiento del rio de las Amazonas*, do Frei Gaspar de Carvajal; *Viagem ao redor do Brasil*, de Severiano da Fonseca; a descrição de Juan Martínez da cidade de Manoa; os estudos do botânico Ricardo Spruce; a *História geral das índias* de Lopez de Gomara; Humboldt; Bates; a expedição de Rondon, entre outros. Mas a aproximação mais clara se dá com a obra de H. G. Wells, *A ilha do Dr. Moreau* (1896).

Nesta obra, Charles Prendick, um naufrago a deriva, é resgatado por um navio que levava diversos animais selvagens a uma pequena ilha desconhecida. Recebido por Dr. Moreau, um cientista exilado, e seu auxiliar Montgomery, Prendick se depara com as experiências bizarras praticadas pelo Dr. Moreau em animais, visando, através da vivissecção, transformá-los em pessoas. Alguns tipos são verdadeiros arremedos humanos, possuindo fala e mesmo uma organização social. Instigando temas ainda atuais como a discussão da ética na ciência, a relação entre animais e seres humanos e as questões sociais, a narrativa do livro foi certamente a influência mais nítida para Gastão Cruls em *A Amazônia misteriosa*, dada a similaridade das histórias.

O estudioso de cinema Robert Stam, em seus escritos sobre a adaptação de obras literárias para a linguagem cinematográfica, retoma as teorias do dialogismo de Bakhtin e da intertextualidade de Kristeva e de Genette para refutar a ideia de fidelidade na adaptação de uma obra. Para esses teóricos, a característica natureza multicultural da arte possibilita falar em “intertextualidade”, ou seja, uma interminável permutação de traços textuais de uma obra para outra.

Deste modo, “a expressão artística é sempre o que Bakhtin chama de uma ‘construção híbrida’, que mistura a palavra de uma pessoa com a de outra” (*id.*, *ibid.*). Um texto é



polifônico e plural, fruto de um processo de diversas releituras sobre objetos e temáticas e, portanto, “suscetível às múltiplas e legítimas interpretações” (STAM, 2006, p. 25). Assim sendo, Gastão Cruls, em um processo intertextual, relaciona a história de Prendick com a do narrador não identificado de *A Amazônia misteriosa*, fazendo-o vivenciar situações semelhantes às vividas pelo inglês. Enriquece-a transformando-a em uma narrativa em solo brasileiro, mas que, ao mesmo tempo, tem influências de outras tão diversas como as de relatos de expedições e viagens dos séculos XVI (espanholas) a XX (expedição Rondon).

A referência se faz de modo aberto, dada uma passagem – a ser detalhada posteriormente – em que o narrador, ao descobrir as experiências feitas por Hartmann, comenta julgar o médico alemão como um “novo Dr. Moreau, e da pior espécie”. Ao estranhamento do estrangeiro, o narrador comenta: “ - O senhor nunca leu A ILHA DO DR. MOREAU, de Wells? Pois é um romance muito conhecido. O Dr. Moreau era um médico que se meteu na cabeça transformar bichos em gente, ao passo que o senhor quer fazer justamente o contrário.” (CRULS, 1944, p. 181).

Feitas essas considerações, nos atentaremos agora para a narrativa contida na obra.

## 2.1 O diário

A narrativa de *A Amazônia misteriosa* se inicia com as páginas finais de um diário, contando sobre uma expedição à floresta amazônica. O texto não deixa claro qual a motivação ou o objetivo desta viagem. A história é narrada em primeira pessoa, por um narrador não identificado. Está datada dos últimos dias de dezembro de algum ano da década de 1910 – ano não especificado, visto aparecer apenas como “191...”. Entretanto, percebemos se tratar do período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ao observarmos passagens como essa: “Que nos trará de bom o ano novo? Ainda perdurará pela Europa o sôpro de loucura que ensanguenta os países mais civilizados?” (*id., ibid.*, p. 24).

O grupo segue o curso de um rio (também não explicitado), passando por locais ermos e por vezes de difícil acesso. Seu meio de transporte é uma *igarité*, uma canoa grande coberta com um toldo de madeira. Fazem seus pousos à noite e nas horas de maior calor do dia, em praias ou ilhas. Como fonte de alimentação, utilizam-se principalmente da pesca e da caça. Aos poucos o autor introduz outros personagens, companheiros de viagem do narrador. Pacatuba, um sujeito de origem nordestina, protagonista de alguns momentos cômicos, por seu jeito distraído; Manoel, o violeiro oficial do grupo e o único que já pisou em território

amazônico antes; João, Piauí, Braulino, Trindade, Galdino, os auxiliares. A todo momento, Gastão Cruls demonstra a relação conflituosa desses elementos, vindos de diversas regiões do país. O nordestino Pacatuba, por exemplo, não gostava de Galdino, por sua cor e origem. Também não se dava muito com os índios – a que chamava “bugres” – em um relação misto de medo e afronta.

A narrativa tenta apresentar também uma rica descrição das paisagens, fauna e flora que rodeiam os viajantes. “É magnífica a gradação dos verdes quando se alcança com o olhar um longo trecho da faixa de vegetação que borda o rio dos dois lados. Os cumarus em flor dão a nota festiva à paisagem, com as suas largas copas engrinaldadas de vermelho” (*ibid.*, p. 9). Outra passagem atesta a detalhada impressão da natureza:

Sumaumeiras gigantescas, tocarís hercúleos, majestosos cedros, abrindo as ramas no alto, faziam o travejamento dêsse maciço zimbório de verdura, que transverberava claridades vagas, deixando o recesso da mata num crepúsculo esverdeado. Aí, numa luta surda mas de todos os instantes, comprimia-se, amotinada, a legião sem fim dos outros vegetais. Árvores portentosas confundindo raízes e sapopemas na difícil conquista do solo; troncos seculares abarcados por cipós constritores; copagens grenhudas entretecidas de monstruosas trepadeiras forquilhas cravejadas de caragoatás e parasitas; moitas espessas de palmeiras; tufos sombrios de folhagem; estolhos aculeados e retilhos gavinheiros rojando pelo chão, unhando a galharia, engrimpando-se nos ramos; hastes colubreantes, volutas sarmentosas e redouças virentes; - tudo aquilo revólto, emaranhado, inóspito, mas borbulhando viço e regorgitante de seiva, na ‘frescura eterna da vida orgânica’, subia às avançadas para o azul, num mesmo ansêio de luz. (p. 30)

A representação da Amazônia em Cruls “retoma uma natureza fascinante, misteriosa e imensa” (LIMA; COSTA JÚNIOR, *op. cit.*, p. 228) em que as cartas geográficas não dão conta das distâncias percorridas e dos perigos e mistérios observados. Dada a larga utilização do vocabulário indígena e regional em sua obra – como percebido no trecho acima –, Gastão Cruls dedicou-se a um “elucidário” (como o denominou) ao final do livro, um glossário com as palavras mais utilizadas.

Retornando à narrativa, percebemos por vezes a iminência do perigo: onças rondam o local; vestígios de tribos indígenas desconhecidas (e talvez pouco amigáveis) são encontrados. Coabitam com as dificuldades diárias relacionadas à alimentação, temperatura, presença de insetos, entre outros. Além do território hostil, os homens enfrentam a saudade de suas famílias e de seus locais de origem – fato que fica pungente no Natal, quando o grupo acha algum lugar para repousar e comemorar o dia. Os homens convivem com a tristeza de ter deixado tudo para trás, e o medo do ambiente desconhecido.

Seria que o Pacatuba me tivesse pegado a sua tristeza? Hoje, pela primeira vez, dei razão a Agassiz, quando fala na “monotonia triste e enfadonha” das paisagens amazônicas. É verdade que, mais do que nunca, estamos agora num trecho em que o rio é tortuoso e a floresta, fechada e opressiva, nos cerca por todos os lados. Uma ou outra árvore florida, ou a plumagem brilhante de qualquer pássaro são incidentes mínimos e sem nenhum relêvo, quando se tem diante dos olhos a amplidão do mataréu sem fim. Nem mesmo há aqui a gradação dos verdes. Uma única e mesma tinta sombria empasta toda a vegetação, das frondes altanadas às plantas mais mofinas. Até as palmeiras, em outros pontos de uma pujança e variedade incríveis, uniformizam-se aqui nas tristonhas jarás, de palmas ralas e estirpes delgados. (*id., ibid.*, p. 15).

A passagem do tempo se faz lenta e monótona, tanto que o narrador demora a perceber, no dia 29, que estava de aniversário. Mas, se a viagem tem suas dificuldades, apresenta também alguns prazeres:

Tenho agora por hábito fumar, à tardinha, um cigarro, estirado sôbre a tolda da igarité. Serve-me de colchão macio o parí de ubucú trançado pelo Trindade. A manobra requer algum equilíbrio, mas tem suas compensações. Voltado de face para o céu, a esta hora de um azul muito terno e onde, por vezes, já começam a cintilar as primeiras estrêlas, acompanho o vôo das aves retardatárias, que vão em busca de seus ninhos. (*ibid.*, p. 25).

Apesar de não identificado, o narrador aparece nas vozes de seus companheiros de viagem como “*seu doutor*” ou “*doutor*”, simplesmente. Outras indicações, como o fato de carregar uma farmácia particular, nos fazem crer se tratar de um médico.

Conforme vai avançando, o grupo encontra mais vestígios de índios na região. Ao se depararem com uma cachoeira, os homens têm de transpô-la com o auxílio de cabos, fazendo então pouso forçado para construir novas embarcações. Para passar o tempo, o narrador, acompanhado de Pacatuba e Piauí, resolve ir à caça em locais mais distantes. Neste ponto termina o diário. A partir do segundo capítulo, narrado também em primeira pessoa, descobrimos que os três se perderam do acampamento.

## **2.2 Perdidos na selva**

### **2.2.1 Iurau e os companheiros**

Confiante no conhecimento da mata de Piauí, o narrador resolvera adentrar mais profundamente na mata virgem. Entretanto, o grupo não consegue achar o caminho de volta, e passa o dia tentando encontrar uma saída, com as provisões racionadas, numa mata cada vez mais fechada e hostil. Acabam tendo que acampar na floresta, perto de um córrego, à deriva

dos perigos da vida noturna na mata, que atiçavam a imaginação dos viajantes. Misturando realidade e mito, Gastão Cruls nos faz revisitar lendas amazônicas, como a de Anhangá, espírito protetor das matas:

Dizem que ele é um homão de mais de três metros, mal empernado de cara, com a pele curtida e uns cabelos duros e torados que nem caraca de carnaúba. O pior é que ele encandeia pelos olhos e a gente fica peado na sua frente como qualquer mocó diante da sucurijú. (*ibid.*, p. 36).

As lendas geralmente surgem nas falas de Pacatuba ou Piauí. Diante dessas narrativas, observamos um sempre incrédulo *doutor*, que se apresenta em contraste com seus companheiros como o homem cuja base de conhecimento é a científica, e não a popular – e por isso, pouco afeito a histórias não comprovadas empiricamente.

No dia seguinte, o grupo resolve tentar voltar ao acampamento, quando é atacado por indígenas. O narrador, seguindo “os ensinamentos de Rondon” (*ibid.*, p. 40), impede a luta armada, e tenta agir como mediador, explicando a situação para os índios. Estes fazem o grupo os seguirem; mas, ao invés do acampamento inicial, acabam se deparando com um *tapirí*, um local de parada temporária. Por mais que tentasse se fazer compreendido, o *doutor* não conseguia explicar sua vontade de retornar.

Fazem refeição e pouso no local, seguindo o caminho só no dia seguinte. Os perdidos, cada vez mais desconfiados, são instigados a continuar com os índios através de um rio em uma *ubá*, uma espécie de canoa. Percebemos então o desalento do grupo, que a essa altura se deixava levar, rumo ao desconhecido, entre curioso e amedrontado. “Seria que me atraísse a miragem do desconhecido, nesta Amazônia fantástica e misteriosa em que cada imaginação prefigura o Eldorado e todo indivíduo se julga um novo Juan Martinez a caminho de Manoa?” (*ibid.*, p. 51). Embora geralmente incrédulo, o narrador por vezes sucumbe à força das lendas e mitos sobre a região.

O grupo prossegue por mais três dias assim, até que aporta em uma praia, onde encontra índios de feição bem diversa. Estes portavam uns amuletos de pedra verde, aparentando ser jadeíta, trabalhada de diferentes maneiras. Parecem, ao narrador, as *muiraquitãs* descritas nas lendas sobre as Amazonas de Orellana – a tribo das mulheres que guerreavam a cavalo e viviam “sem marido”.

O narrador e seus companheiros acabam se separando dos índios que os haviam conduzido até ali; são orientados a prosseguir viagem com os portadores das *pedras verdes*. Chegam ao anoitecer na aldeia, guiados pelo líder do bando Iurau. Acabam participando do

banquete e assistindo as danças ao redor da fogueira. Entretanto, o grupo não se demora muito tempo na aldeia. Viajam por cinco dias a fio a local desconhecido pelos viajantes, utilizando-se, para aguentar a caminhada, de uma espécie de confeito de tapioca. Mais tarde, o narrador iria descobrir que esse continha o *ipadú*, a folha de coca usada como excitante pelos incas. Os efeitos do confeito iam além de dar resistência, conferindo mesmo um torpor sem seus usuários, que não se viam claramente os acontecimentos ruins.

E é dessa maneira que o narrador e Pacatuba não percebem que Piauí, que já estivera há alguns dias febril e delirante, desaparece na mata sem deixar vestígio. Sem conseguir encontrá-lo, o grupo segue viagem por mais nove dias, passando por belas e diferentes paisagens, num “deslumbramento dos sentidos” (*ibid.*, p. 70). Chegam a um muro alto em que enormes blocos de pedra se encaixavam perfeitamente. Tratava-se, para espanto dos viajantes, de uma cidade em miniatura no meio da selva amazônica, com casas bem construídas, jardins, praças e ruas regulares.

### 2.2.2 Outra tribo

Essa cidade abrigava uma tribo desconhecida. Os homens são recebidos então por belas jovens, tratadas com deferência por Iurau e seus companheiros. Destarte, os dois viajantes são convidados a adentrar o local, percorrendo o povoado e descobrindo roçados trabalhados exclusivamente por mulheres, geralmente muito novas.

Em uma das casas, uma mulher clara e de cabelos loiros é avistada. No entanto, logo ela se esconde. Quem aparece para recepcioná-los é um homem, também louro, e

exquisitíssimo, alto, corpulento e com o rosto enquadrado numa barba ruiva e intonsa, que descia muito abaixo do peito. Completando-lhe a curiosidade do aspecto, havia a bisonhice dos trajes: uma bata ou roupão de côr escura, esgargalado ao pescoço e atado na cinta, e que se abria com os movimentos da marcha, deixando entrever umas pantalonas, também parduscas. Vinha em cabelos, ou melhor, mostrava a calva já pronunciada e a contrastar com o rosto hirsuto. Quando mais perto, pude ver que tinha uns olhos azues, claros e muito frios, sumidos numa face larga, de bochechas gordas, e onde dominavam o nariz adunco e as sobrancelhas cerradas. (*ibid.*, p. 79).

O *doutor*, percebendo se tratar de um alemão, tenta travar conversa com esse em sua língua materna. Medindo palavras, o interlocutor pede desculpas pela penosa viagem, mas nem se apresenta, nem quase nada conta sobre sua estadia entre os índios, fazendo mais perguntas de que as respondendo. Durante a conversa, descobrimos mais sobre o narrador:

- E por falar em língua, disse-me num tom amável, como é que o senhor conhece tão bem o alemão?  
Contei-lhe, então, que logo depois de formado, tinha ido em viagem de estudos à Europa e havia praticado por quase dois anos nos hospitais de Berlim.  
- Ah! Então o senhor é médico? inquiriu, sem poder conter a sua surpresa.  
- Sim, ou melhor, fui, porque agora ando totalmente afastado da profissão. (*ibid.*, p. 81).

É apenas através do relacionamento do narrador com outras pessoas que ficamos sabendo mais desse, e assim mesmo de maneira sutil. Nem seu nome é apresentado, e pouca informação se tem sobre ele além do trecho acima. Mais tarde retornaremos a essa questão, por ora ficando com a narrativa. Além do estranhamento inicial, o narrador se depara com uma intérprete colocada à sua disposição: Malila, uma índia que falava francês.

## 2.3 Mistérios

### 2.3.1 Origens

Os visitantes, cogitando sobre o local, pensam até se tratar de um *puesto de caucheiros*, um local de trabalhadores peruanos ou bolivianos no meio da selva. Entretanto, conforme a conversa com Malila evolui, fatos mais estranhos vão surgindo, confundindo os perdidos. Descobrimos então que não existem outros homens além do alemão, já há alguns anos na tribo; e que a rainha das índias, de título *Coia*, possuía uma onça domesticada.

O espanto é maior quando Hartmann, o estrangeiro, afirma para o narrador ser aquela tribo a das autênticas Amazonas brasileiras dos antigos relatos de viagem. Diferenciando-as das lendas gregas, o interlocutor conta sobre suas peculiares características, como o fato de viverem sem homens, relacionando-se com eles apenas em rituais de perpetuação da espécie. Quando viravam mães, ficavam apenas com as crianças do sexo feminino, matando ou doando as do masculino. Utilizavam-se de colares de pedra verde, as *muiraquitãs*, que detinham supostos poderes de cura e proteção de diversos males.

Sobre os amuletos, várias histórias se contavam. A principal delas dizia respeito a um lago, o Iauciuaruá ou *Espelho da Lua*, em cujas águas habitaria a mãe das muiraquitãs. Em dias de festa, as índias mergulhavam no lago a fim de buscar o barro que, modelado e exposto ao sol para secar, servia de matéria-prima para os amuletos. Esse ritual coincidia com os de

procriação, e, aquele índio que, em anos anteriores, havia dado uma filha à amazona, era presenteado com uma muiiraquitã.

De acordo com Hartmann, o uso da muiiraquitã era forte indício da veracidade da história. Do mesmo modo, as mulheres estavam protegidas pelos guacarís – a tribo de Iurau –, os mesmos indígenas que nas lendas defendiam o território e se relacionavam com as índias guerreiras. E não havia, realmente, vestígio de nenhum outro homem habitante da cidade, além dele. Apenas alguns pontos as diferenciavam dos mitos. Estas não queimavam o seio direito para o melhor manejo do arco, nem andavam a cavalo. Por isso, Hartmann preferia denominar o local de Reino das Pedras Verdes.

Para o alemão, a origem destas mulheres estaria no Império Inca, por seu “grau de civilização, muito superior ao de todos os selvícolas do vale do Amazonas” (*id., ibid.*, p. 99), e também por falarem a língua quíchua. Provavelmente teriam surgido quando da conquista espanhola, descendo a vertente oriental dos Andes e vindo se instalar na região amazônica. Algumas lendas afirmavam se tratar de mulheres que, inconformadas com a queda do Império Inca e com seus maridos, haviam fugido e resolvido criar uma sociedade feminina; outras, diziam estas mulheres se tratar das vestais guardiãs dos Templos do Sol. Sobre todas essas informações o narrador refletia, incrédulo.

### 2.3.2 Organização social

Aos poucos vamos conhecendo melhor o funcionamento da cidade amazona. À *Coia* cabia, além das funções de governança, a distribuição igualitária dos bens, que pertenciam a todos. Estes eram recolhidos em armazéns e depois repassados, conforme as necessidades de cada um. Havia abundância não só de alimentos, mas de utensílios diversos, cerâmica e vestuário. Toda a produção era feita de acordo com a faixa etária: as Amazonas propriamente ditas, jovens de até vinte e cinco anos, se dedicavam ao trabalho mais pesado de caça, pesca e às plantações. Deveriam guardar sua virgindade durante esse período e viver sob rígida disciplina. Após essa idade, as mulheres se dedicavam à perpetuação do grupo, e podiam então se ocupar de tarefas mais amenas, como cuidar dos filhos e trabalhar com artesanato. Por fim, às mais velhas eram tributadas atividades como a produção da cerâmica e o preparo de substâncias tóxicas.

Sua rainha era escolhida entre as jovens de vinte anos. Era aquela que conseguia vencer as tarefas mais difíceis, e dar mostras de grande resistência física, coragem e agilidade.

Seu reinado durava cinco anos, e podia se estender por mais cinco, caso a jovem resolvesse manter o voto de castidade.

### 2.3.3 A vida do casal estrangeiro

O narrador, conforme vai ficando mais íntimo do casal, tenta descobrir como chegaram até ali e o motivo de estadia tão prolongada. Entretanto, seus esforços são em vão, visto que os dois acabam sempre desconversando e se mantendo envoltos em segredos. Inicialmente, o *doutor* pensa ser Hartmann um etnografista. Entretanto, o alemão afirmara nunca ter se dedicado a tal matéria, e que apenas por acaso encontrara aquela tribo. Sua permanência devia-se à curiosidade, atiçada ao perceber a existência das Amazonas. Dada a insistência do narrador, Hartmann adverte:

- Olhe, meu amigo, é melhor não insistirmos neste ponto, que absolutamente não posso satisfazer os seus desejos. Digo-lhe mais: se o senhor viesse a conhecer as razões que me trouxeram até aqui, já então eu o faria meu prisioneiro, retendo-o na minha companhia até que pudéssemos regressar juntos e eu creio que o senhor não quererá se arriscar a tanto. (*ibid.*, p. 115-116).

Devido a uma torção na perna de Pacatuba, os viajantes acabam por adiar sua partida. Por conta disso, o *doutor* passa longos períodos passeando na região, geralmente em companhia da francesa, visto que nem sempre Hartmann podia acompanhá-los. Nestas ocasiões, a francesa se mostrava mais comunicativa, demonstrando que sua longa estadia na floresta a aborrecia e a fazia ansiar pelo retorno.

Ela nem sabia da deflagração da guerra entre Alemanha e França (uma alusão à Primeira Guerra Mundial), fato então contado com detalhes pelo *doutor*. Posteriormente, este refletiria:

Não sei se não teria havido um pouco de maldade da minha parte, na pressa com que pus termo à sua aflição. A alma humana tem refulhos pérfidos e sombrios. Sobrepondo-se a todas as conveniências, vinha-me talvez do subconsciente aquela resposta, que era como uma represália à situação de mal estar e angustiada curiosidade em que me deixara a atitude reservada do alemão. Inteirando a francesa a respeito do que se passava na Europa, não era impossível que eu conseguisse estabelecer um conflito entre marido [alemão] e mulher [francesa], de que me poderiam resultar maiores ou menores proventos, a começar pelo conhecimento exato dos verdadeiros motivos que os teriam levado até ali. Estas reflexões, entretanto, só me acudiram muito mais tarde, quando, ao rememorar, friamente os fatos, compreendi o alcance desse íntimo incidente na seriação de todos os episódios que ocorreram depois. (*ibid.*, p. 120-121).



A relação entre Rosina, a francesa, e o narrador torna-se mais amigável. Este percebe que o relacionamento entre ela e seu marido não era dos melhores, tendo em vista estar o alemão geralmente muito ocupado. Rosina sentia-se apreensiva e solitária. “Não foi só a notícia da guerra. Eu já estou nervosa há muito tempo. Não é brincadeira passar oito anos neste isolamento. Depois... o meu marido é tão diferente de mim!...” (*ibid.*, p. 129). Pacatuba, ao observar as conversas entre os dois, alerta: “olhe, *seu* doutor, o veneno mais perigoso que tem aqui são os olhos dessa francesa. [...]. Chi! *Seu* doutor tenha mão, que isso é mulher até debaixo d’água.” (*ibid.*, p. 130-131).

#### 2.3.4 A vida entre as Amazonas

Em um dia de festa, observando as danças das Amazonas, o narrador imagina ver em sua presença o último Inca, Atahualpa, que o leva a conhecer o antigo esplendor das civilizações mesoamericanas e inca. Através de alucinações, visita palácios, templos, jardins suspensos, mercados a céu aberto. Atahualpa reflete sobre a sangrenta conquista da América pelos homens brancos, principalmente o domínio sobre “as civilizações mais ou menos avançadas” (*ibid.*, p. 145) e cujas culturas se perderam no tempo.

A busca insaciável pelo ouro e outras matérias-primas de que pudessem se utilizar impulsionou o avanço dos conquistadores. Os índios, acreditando inicialmente serem os homens brancos verdadeiros deuses portando algum fogo sagrado (alusão às armas de fogo), os auxiliam. O narrador assiste, então, a toda sorte de tiranias e violências cometidas no processo de conquista. Ao final, voltando sua atenção novamente para as danças, descobre estar em sua rede, sob o efeito do *aiquec*, um alucinógeno, que fora por Malila colocado junto à sua comida por pedido de Rosina.

Trabalhando a todo o momento com a matéria do fantasioso, Gastão Cruls deixa essa incerteza se alguns acontecimentos realmente ocorreram ou não –, como é o caso da alucinação que, apesar de provocada por um psicotrópico, se mostrará em capítulo posterior revelador de verdades sobre as amazonas – além de permitir o conhecimento do que já passou e, se sabe, ocorreu de maneira semelhante (a conquista espanhola). Sobre o fantástico, Todorov afirma:

Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Que percebe o acontecimento deve optar por uma das duas opções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as

leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. (TODOROV, 1981, p. 15).

O fantástico é a incerteza, a vacilação de quem não conhece as leis que regem aquele outro mundo. Implica não só a existência de um acontecimento estranho, que provoque uma vacilação no personagem e no leitor, mas também uma maneira de ler, isenta de alegorias ou tons poéticos: trata-se da ocorrência mesmo do fato. Como demonstra Todorov, o fantástico pode subsistir em obras de ficção científica, mesmo marcadas pela racionalidade da ciência. Neste tipo de narrativa, o sobrenatural está explicado por leis científicas – entretanto, leis que a ciência contemporânea desconhece. É o caso da narrativa de *A Amazônia misteriosa*, cujos encadeamentos lógicos pressupõe a existência de dados irreconhecíveis para a ciência atual: a própria existência das Amazonas, e as atividades realizadas por Hartmann, de que falaremos adiante. O primeiro fato, explicada por uma história perfeitamente crível, mas que a História oficial desconhece; o segundo, baseado em um sistema de leis científicas inexistentes na ciência contemporânea.

Retornando à narrativa, como Pacatuba continuasse doente, submeteram-no aos cuidados de uma velha feiticeira da tribo. O médico, descrente de tais rituais, tentara dissuadi-lo:

-Você acredita então que uma índia bocal seja capaz de curá-lo sem mais aquela?  
- Ah, isso é que eu não sei... O doutor me desculpe, mas eu tenho muita fé nos catimboseiros. Quem já viu como eu, a filha do seu *Coronel Zacarias*, lá do Sapé, nos meus mundos, ficar três meses na cama e ser vista por todos os doutores, que não atinavam com o que ela tinha, e depois chegar o Gaudêncio da Quenga e só com umas rezas botas a menina outra vez nos pés... (*ibid.*, p. 152).

Através de rituais, a pajé retirou uma larva branca, supostamente o mal causador da dor alojada no tornozelo do doente. O médico quase riu da operação, tentando argumentar com Pacatuba de sua ineficácia, mas se contendo por fim. A todo momento, Gastão Cruls retoma o ponto da discussão entre o conhecimento popular, representado por seus companheiros de viagem e também pelos indígenas, e o científico, denotado por “homens da ciência” como o próprio narrador. Este aparece geralmente como descrédulo da eficácia dos meios populares, embora por vezes o faça de maneira contraditória. A essa questão retornaremos em profundidade no próximo capítulo.

## 2.4 Descobertas

#### 2.4.1 Os experimentos de Hartmann

A vida na aldeia seguia entre conversas e passeios, até que um dia, aproveitando a ausência de Malila, o narrador resolve explorar o local a sós. Além das poucas explicações, o *doutor* percebera certa área que lhe era cuidadosamente vedada – justamente a região a que mais acorria Hartmann. A localidade ficava atrás da casa das Amazonas, mais afastada e coberta por uma grande sebe. Lá, o narrador encontra um grande barracão de madeira, parecendo povoado de vultos; além de outras habitações menores e gaiolas de madeira espalhados.

Tendo cuidado para não ser visto, o *doutor* se aproxima de uma gaiola. Tal não é sua surpresa ao perceber uma criança, de formas estranhas e movimentos lerdos – visão que proporcionava repulsa, piedade e ao mesmo tempo revolta.

Observando-lhe as atitudes e a flacidez das carnes, massa sem sustentação e que tomava as mais exquisitas posições, dir-se-ia que a mísera não possuía ossos. E, no entanto, o seu aspecto era perfeito, os membros tinham todos os segmentos, o rosto, tirante um certo empastamento dos traços, não apresentava nenhuma anomalia, e os olhos eram até bem vivos e expressivos. (*ibid.*, p. 166).

Conjecturando mil perguntas, o narrador percebe a aproximação de Hartmann e outro homem, até então desconhecido. Parecia também estrangeiro, mas ainda jovem, de nome Hans. Receando ser descoberto, o médico escapa dali o mais breve possível.

No dia seguinte, despistando todos, o narrador acorre novamente ao local das gaiolas. Cercando-se dos engradados mais distantes, o médico surpreende alguns com macacos barbados e coatás. Encontra também uma casinha de barro com teto de palha. Seu espanto aumenta quando visualiza uma índia, sentada próxima a casa e ocupada de vigiar outra criança. Tratava-se de um pequeno de compleição estranha e “aparência bestial”. O que mais chamava a atenção nele, contudo, era o corpo, coberto de pelos. Apresentava tal semelhança com um símio, que até corria de quatro com agilidade. “Todavia, se por muitas feições o seu aspecto era francamente pitecóide, outros caracteres o humanizavam, como certos gritos e sons que eu o ouvia emitir, ainda grosseiros e guturais, na verdade, mas onde já se podia adivinhar um esboço de linguagem articulada”. (*ibid.*, p. 176).

Outras crianças estranhas aparecem: uma de porte agigantado, forte e rebousta; outra minúscula, com apenas algumas polegadas de comprimento. Novamente o narrador consegue se esconder de Hartmann por pouco, desta vez conseguindo ficar tão próximo ao ponto de

flagrar uma conversa sua. Descobre que os seres estão sendo treinados. Contudo, em um momento de distração, acaba sendo surpreendido em seu esconderijo por Hartmann. Enfurecido, este esbraveja:

- [...] Se o senhor se recorda bem do que eu lhe disse, não deve ficar espantado se eu o fizer agora meu prisioneiro, retendo-o aqui por largo tempo, até que possamos regressar juntos.

Esta frase foi pronunciada em tom de ameaça e com ar malévolo e jactancioso, que muito me irritaram.

Retruquei-lhe irado:

- Ah, não me espantarei, mas... veremos. Agora eu compreendo toda a sua reserva. O senhor tem receio que eu vá denunciar os seus crimes.

- Crimes?

- Sim, crimes... afirmei resolutamente. Eu já vi a criancinha que é tratada como um bicho e vive no fundo de uma jaula.

Notei que o alemão não tinha gostado nada dessa minha asserção, que o fez mudar de maneiras e perguntar-me com acento mais brando:

- Ah, então o senhor já andou a correr isso tudo?

- Tudo, não; mas o bastante para ficar mais que revoltado e poder julgá-lo um novo Dr. Moreau, e da pior espécie... (*ibid.*, p. 181).

O médico se referia ao personagem do romance *A ilha de Dr. Moreau*, de H. G. Wells, cuja principal característica era tentar transformar animais em seres humanos, através da horripilante técnica da vivisseção. Desconhecendo a referência, e como seu ajudante se aproximasse, Hartmann afirma que mais tarde explicaria a situação, expulsando o doutor do local.

Aguardando Hartmann, o narrador recebe a visita de Rosina – que, ao ficar sabendo da história, afirma até estar um pouco feliz com a prisão forçada, visto que poderia ficar mais tempo em companhia do narrador. Também ganha de Malila um uirapuru morto, sinal considerado de sorte para as índias. Só no dia seguinte Hartmann aparece. Descobrimos então que Jacob Hartmann, seu nome completo, também era médico, e fora por muito tempo assistente do professor Steinach. Seus estudos se voltavam, assim como seu mestre, para o problema do crescimento dos seres vivos e do rejuvenescimento de tecidos envelhecidos.

Sua pesquisa trazia, porém, um problema: a necessidade de experimentação científica em seres humanos:

Já por esse tempo eu tinha também os meus pontos de vista e, na verdade, uma das questões que mais me preocupavam dependia exclusivamente da experiência direta sobre o organismo humano. O diabo é que essas experiências, além de delicadíssimas e expondo os indivíduos a sérios riscos de vida, deixariam sempre lesões graves e irreparáveis. (*ibid.*, p. 191).

Mostrando não se importar muito com as questões éticas envolvidas, o Dr. Hartmann defende suas pesquisas, através da citação de diversos casos na história que contaram, em maior ou menor grau, com experimentos em humanos. Sua opção pela Amazônia se deu pelo fato de acreditar que nesta região existiam tribos que se mantinham “na mais completa barbaria” (*ibid.*, p. 192) e que, lutando entre si, prescindiam de prisioneiros de guerra – que poderiam ser usados nas experiências, caso se conseguisse convencer a tribo em questão. Em sua opinião, tratava-se de uma ação “benéfica e até favorável” (*id.*, *ibid.*), visto se tratarem de prováveis condenados à morte.

O que não contava era encontrar as Amazonas. Como tribos ditas selvagens e combativas já quase não existiam por aquelas paragens, o professor teve que lançar mão de outros recursos: utilizar-se das crianças oriundas de gestações gemelares, das crianças com alguma má formação – vistas com maus olhos pelas amazônicas –, e dos filhos homens, totalmente desprezados pelas índias. Desta maneira, havia ali material abundante para os seus experimentos.

Com que pese o absurdo da situação, Hartmann ainda se lamentava só poder pesquisar em organismos jovens. Apesar da indignação do narrador, parecia não se importar com o elemento humano em suas pesquisas. “O Sr. Hartmann, inteiramente absorvido pelo assunto, dizia-me estas coisas com a maior serenidade e referia-se às crianças como se falasse de cobaias ou rãs com que trabalham os fisiologistas nos laboratórios.” (*ibid.*, p. 194). O narrador, por sua vez, resolve fingir concordar com as ideias do estrangeiro para, assim, descobrir todos os seus segredos.

Aprofundando a conversa, o narrador descobre que o programa inicial do estrangeiro era uma pesquisa de meses sobre a afasia, uma alteração na função da linguagem. No entanto, suas descobertas levaram a outras pesquisas, como a preocupação com as glândulas de secreção interna, a sexualidade, o crescimento e o envelhecimento, que o fizeram permanecer por todo esse tempo na região. Viera acompanhado de dois auxiliares, e trouxera aos poucos seu material, dada a fragilidade de alguns itens.

Hartmann vai se empolgando com a narrativa de suas experiências, chegando a um nível de entusiasmo que parecia ao narrador próximo da loucura. Afirmava ter conseguido acabar com a teoria da fixação das espécies.

Apoiado nos resultados colhidos pela transplantação de órgãos de um animal para outro, ao fim de pouco tempo êle se convencera de que por ligeira modificação no quimismo de uma dada espécie animal se poderia perturbar de tal maneira a sua

constituição íntima, que ela se tornaria apta à fecundação por outra espécie totalmente diversa e até, talvez, por animais de classes afastadas. (*ibid.*, p. 197).

O estrangeiro acreditava realmente ter encontrado a *síntese biológica* de todas as espécies, descoberta que iria revolucionar o mundo! (*ibid.*, p. 198). Conseguira cruzamentos bizarros como o produto de uma ave, a cigana, com o jacuarú, um réptil, o da cotia com a preguiça e o do peixe-boi com a anta. Mas seu objeto de maior interesse estava mesmo no filho de uma índia com um macaco coatá – o mesmo ser coberto de pelos que o narrador observara antes. Ainda mais bizarro era o fato de suas experiências se darem muitas vezes sem o conhecimento dos envolvidos – caso da índia que gerara o híbrido com o macaco.

De acordo com Silva, a temática da eugenia e dos experimentos genéticos é recorrente nas ficções científicas produzidas em fins do século XIX e início do XX, tanto da Europa e Estados Unidos como do Brasil. O termo, criado por Francis Galton, indicava “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente” (GALTON *apud* SILVA, 2008, p. 133). Baseando-se nas ideias evolucionistas de Darwin e de Thomas Malthus, Galton sugere que a inteligência no indivíduo era herdada, e não fruto do meio ambiente.

Hoje sua teoria é refutada, devido a seu caráter pseudocientífico, visto ter Galton se baseado, sobretudo, em estudos de biografias (a maioria de membros de sua família) e dados imprecisos. Entretanto, à época a ideia foi amplamente propagada, principalmente no Brasil. Seu terreno mais fértil se dava sobre as camadas menos favorecidas da população, haja vista o arraigado preconceito das classes sociais mais elevadas em relação aos primeiros. Ainda de acordo com Silva,

Percebe-se que o apelo das teorias eugênicas na segunda metade da República Velha residia em sua proteção do *status quo* e na defesa de remédios científicos e tecnológicos para solucionar problemas sociais que demandavam mudanças estruturais profundas. No caso do Brasil, um país em que as desigualdades sociais têm resistência secular, os eugenistas ignoravam fatores econômicos e sociais na criação de projetos que acreditavam que seriam capazes de modernizar seus países e os levarem ao desenvolvimento. (*id.*, *ibid.*, p. 133-134).

Essas ideias andavam em consonância com as teorias do *darwinismo social*, que, embora a contragosto do pai da evolução, aplicavam a teoria evolucionista aos meios sociais, reafirmando a dominação de uma classe por outra. Além disso, eram relacionadas ainda à obra de Joseph-Arthur de Gobineau, *Ensaio sobre a desigualdade da raça humana*, de 1853, que dividia os seres humanos em raças diferenciadas entre si, e afirmava ser a miscigenação um fator de degeneração social. Tais teorias privilegiavam geralmente a raça caucasiana,

considerada superior, frente aos seres humanos de outras origens. Do mesmo modo, mantinham o *status quo* das classes dominantes, sobretudo do colonizador branco europeu.

Nas ficções produzidas no começo do século XX, essa temática aparece já não em consonância com esse tipo de pensamento, mas de forma crítica. Para Silva, os textos de Gastão Cruls e a obra *O presidente negro*, de Monteiro Lobato, são claros exemplos de obras que rompem com a cultura oficial alienada e verbalista, e conseguem problematizar seu tempo, seguindo o pressuposto por Bosi. Este autor, embora tenha se utilizado dessa conceituação para delimitar o Pré-modernismo, deixa de lado em sua *História concisa da literatura brasileira* as obras de ficção científica, como as supracitadas.

A canonização do Modernismo e de seus preceitos fez surgir uma “linha divisória” entre a literatura considerada erudita e a de entretenimento. Deste modo, o mercado editorial fechou-se para esse tipo de obra, e não ocorreu no Brasil, como em outros países, uma intensa publicação de ficções em revistas e livros populares, os chamados *pulp*. Apesar disso, a ficção científica brasileira do início do século soube se manifestar à margem das inovações estéticas do Modernismo a partir de enredos que lidavam com questões sociais de seu tempo – temática que seria posteriormente predominante no movimento modernista.

Entretanto, se a temática de Cruls se aproxima do modernismo, sua preocupação com a linguagem se mantém, de acordo com Afrânio Coutinho, tradicional, não conhecendo as experimentações estéticas de contemporâneos como Mário de Andrade (COUTINHO *apud* SILVA, *op. cit.*, p. 139). Antes, segue a longa tradição narrativa especulativa das utopias e do romance inglês, fato que abordaremos melhor no próximo capítulo.

#### 2.4.2 Aprisionados

Retornemos por ora à narrativa. Devido à revelação de todos os seus segredos, o professor Hartmann havia imposto a necessidade de manter os visitantes no local, para que suas descobertas lograssem êxito. Mesmo sob insistência do narrador, que dera sua palavra de discrição, o estrangeiro não voltara atrás. Afirmava que ficaria apenas mais uns três meses. Não havia escapatória, dado as dificuldades e o desconhecimento do terreno. Deste modo, Pacatuba e o narrador permanecem na tribo, desfrutando de passeios e caçadas em companhia de Malila e Rosina e conhecendo um pouco mais da vida das Amazonas. A Pacatuba, dada a sua “alma rústica” (*ibid.*, p. 216) foram ocultados, pelo narrador, os verdadeiros propósitos e experimentos de Hartmann – fato que poderia levá-lo a uma tentativa de fuga mal sucedida.

O narrador, embora não concordasse com os métodos de Hartmann, tinha mais cautela em julgá-lo. Entretanto, sua esposa ia demonstrando não concordar em absoluto com ele. Em uma conversa com Rosina, o *doutor* descobre que Jacob Hartmann escondera alguns de seus experimentos. Ao ser questionado sobre a primeira de suas pesquisas, a afasia, o estrangeiro desconversara. Entretanto, continuara com seus estudos, e inclusive havia inutilizado um homem forte e sadio, um sírio que fora por engano trazido até a tribo. Através da trepanação à força, fora-lhe produzido o esquecimento do que havia aprendido de português, o tornando, ainda, inutilizado de um braço.

Diante de seu espanto, Rosina continuou:

- E pensa que êle já não se lamentou muitas vezes por não poder fazer com o senhor o mesmo que fêz com o sírio? E como eu a fixasse em ar de dúvida, ela confirmou:  
- Posso lhe garantir que sim. Êle é um homem que só enxerga os interesses da ciência. E se eu disser que êle quis fazer comigo o tal produto que conseguiu depois pelo cruzamento de uma índia com o macaco? (*ibid.*, p. 220).

Ante as lágrimas repentinas da francesa, o *doutor* tenta acalmá-la. Envolvidos num abraço, os dois acabam por se beijar, sem ninguém por perto. Confabulando, o narrador toma consciência do perigo eminente, visto que Hartmann havia mesmo insinuado poder fazê-lo esquecer a língua alemã. Seu relacionamento com Rosina reforça essa ideia. Entretanto, Rosina acaba por dissuadi-lo de uma fuga, haja vista que Hartmann dizia pretender partir logo. Combinaram então de retornarem juntos.

A partir desse ocorrido, os dois passam a se encontrar frequentemente. Além dos piqueniques, acompanhavam as amazonas por diversos lugares, descobrindo e vivenciando a natureza selvagem à sua volta. Aos poucos, o narrador esquecia-se dos experimentos do professor Hartmann. Essa parte da narrativa apresenta uma quebra na história, visto que às preocupações e questionamentos do narrador sobre os experimentos de Hartmann, seguem-se momentos de distração, em que são pormenorizadas diversas atividades das amazonas, como pescas e caçadas. Abordaremos melhor a questão da quebra narrativa no próximo capítulo.

Em fins de abril, um movimento inusitado trouxe o Festival das Pedras Verdes para a aldeia. Foi quando os guacarís, em torno de duzentos, chegaram para os festejos, sendo recebidos com ritual e pompa. A cidade amazona estava ricamente adornada, bem como suas habitantes. Durante os festejos, as amazonas reafirmavam todas as suas tradições. Num mesmo dia realizavam-se os rituais em que as moças púberes se transformavam em *cossanac* ou amazonas propriamente ditas; as mulheres recebiam seus maridos ocasionais; e os guacarís levavam para sua tribo os filhos varões.



Além disso, naquela ocasião a atual *Coia* deveria passar adiante sua regência, por estar já há dez anos no poder. Os visitantes seriam expectadores de dois acontecimentos únicos: a escolha da nova rainha e a disputa pela primeira noite de núpcias da amazona abdicante.

Através de diversas provas, uma nova rainha é eleita, e Iurau, o índio que acompanhara os visitantes até a aldeia, o vencedor da disputa pela virgem. Logo após, o grupo segue para o lago de vitórias-régias, o *Espelho da Lua*. Atrás do Reino Encantado dos Muiraquitãs, as índias mergulham nas águas, trazendo à tona o barro com que modelariam seus amuletos. Grande era o espanto do narrador ao perceber que algumas lendas se tornavam realidade frente a seus olhos. O espetáculo estava ainda entremeado por danças e vinhos ebriáticos. Ao final, os rituais de procriação consumam-se, já quase ao alvorecer.

## 2.5 Fuga

Ao ouvir uma conversa entre seu marido e Hans, Rosina descobre que este não pretendia mais partir tão cedo. Queria repetir a experiência do hominídeo híbrido, pois tivera uma nova ideia. Ela e o narrador cogitam então a fuga, sobre a qual já meditara longamente a francesa. Deveriam pretextar um passeio, e se aproveitar do fato de Hartmann ainda não ter lhe dado oficialmente a notícia. Deste modo, supondo que ela nada sabia, não teria motivos para uma fuga. Essa só seria apercebida muito depois, deixando em vantagem os fugitivos. Iriam aproveitar ainda a época das cheias, lançando-se rio abaixo. Pacatuba, ao saber da notícia – e ao contrário do esperado – mostrara-se apreensivo. Estava a escutar a acauã cantar havia três noites, para ele um sinal de desgraça na certa.

No dia combinado, tudo corria bem, até que foram surpreendidos por Malila, que sabia de seus planos. No entanto, a índia viera apenas para se despedir, afirmando não ter contato nada a ninguém, e dando dicas do igarapé mais seguro a seguir. Apesar das insistências de Rosina, a índia mantém-se firme no propósito de não segui-los. O grupo, a contragosto, segue então uma viagem quase sem paradas.

Noite adentro, ouvem o *trocano*, tambor de guerra usado pelos índios da região, denotando o perigo. Ao clarear do dia, são atacados por saraivadas de flechas. Rosina, diante do susto, se põe de pé na embarcação, sendo então atingida por uma flecha e jogada contra a correnteza. Tentando salvá-la, Pacatuba nada em sua direção. Entretanto, a ferida aberta pela flechada trouxera outros males. “- Foram as piranhas, *seu* doutor! A flechada talvez não fôsse

nada, mas isso é um bicho que não pode ver sangue. Imagine o senhor que quando eu a puxei de dentro d'água, ainda umas quatro ou cinco vinham abocadas na ferida.” (*ibid.*, p. 272).

Rosina então falece nos braços de um desolado narrador. Pacatuba, ao vê-los assim, conta ao médico que já sabia de seu enlace, terminando: “E o *seu* doutor pensava então que eu não sabia? Sabia de tudo... Paixão de amor não esconde. É como o mel de pau lá do nosso agreste, mesmo metido no oco das árvores, êle anda cheirando de longe” (*ibid.*, p. 273). E assim termina repentinamente a narrativa do livro, que não permite saber se os viajantes conseguiram ou não chegar a seu destino. Finalizado seu resumo, cabe agora uma análise detalhada dos apontamentos ao longo do capítulo levantados.

## Capítulo 3 – CIENTIFICISMO E DISTOPIA

### 3.1 A utopia

Como comentado em capítulo anterior, *A Amazônia misteriosa* segue a longa tradição das utopias e do romance especulativo inglês. Passemos primeiramente a compreensão destes termos. O primeiro livro com essa denominação, de 1516, trazia a seguinte apresentação: “Pequeno livro verdadeiramente aurífero e não menos útil que agradável sobre a melhor forma de Estado e a nova ilha da Utopia...”, continuada pela apresentação de seu autor, Thomas Morus, humanista inglês, membro de família burguesa enobrecida, e antigo conselheiro privado do rei Henrique VIII (BACZKO, 1985, p. 333). A obra foi escrita durante uma passagem de Morus pela Antuérpia, a serviço real. Reeditada na Itália por diversos anos seguintes, lhe conferiu fama e prestígio. Sua publicação abriu precedentes para um gênero narrativo de características muito específicas.

O livro apresenta uma estrutura complexa, misturando realidade e ficção. No início de sua narrativa, Morus recorda sua viagem à Antuérpia e seu encontro com um amigo, Pedro Gilles. Através deste, trava conhecimento com um marinheiro desconhecido, Rafael Hitlodeu, que havia viajado para diversas partes do mundo, indo inclusive ter com Américo Vespúcio no Novo Mundo. Dentre suas narrativas, está a do peculiar país dos Utopianos, que Morus-narrador enseja conhecer.

Antes da viagem, entretanto, Morus faz uma digressão sobre as realidades políticas e sociais da Europa. Durante o evento, o narrador e Hitlodeu discutem sobre a questão do poder e da riqueza. Em diálogo inédito para a época, Morus-autor coloca o poder e a riqueza dos nobres ociosos como a causa das disputas e males sociais e morais. Além disso, discorre sobre o sistema penal que prevê a pena de morte, criticando-o. Hitlodeu, sempre distoante do sistema vigente, afirma não apenas ser essa a situação da Inglaterra, mas da Europa de um modo geral, tendo em vista as características dos reis e a estrutura dos reinados, que mantêm as riquezas encerradas em castelos. A própria propriedade privada é questionada na obra: “Onde quer que exista a propriedade privada e onde quer que o dinheiro constitua a única medida de todas as coisas, tereis sempre grande dificuldade em garantir a prosperidade e a justiça por parte do Estado...” (MORUS *apud* BACZKO, *op. cit.*, p. 337).

Essa seção do livro foi escrita, segundo Baczko, depois da narrativa que se passa na ilha de Utopia, e só posteriormente acrescentada ao texto. A segunda parte da obra, dedicada à descrição da ilha, traz um relato pormenorizado, tanto de suas configurações geográficas,

quanto de sua história, estrutura social e costumes. Não cabe aqui um relato detalhado da obra. No entanto, vamos nos atentar a alguns detalhes, considerados muito importantes. O primeiro deles é que a ilha nem sempre fora da maneira narrada por Hitlodeu. Antes, detinha outro nome e era habitada por “selvagens” (BACZKO, *op. cit.*, p. 337), e foi conquistada por Utopus, que impôs as reformas que veremos adiante, e resolveu cortar o istmo que ligava a ilha ao continente, a fim de separá-la em completo dos demais países.

A principal característica da sociedade utopiana é a abolição da propriedade privada. Tudo é dividido igualmente entre seus habitantes, em sistemas de rodízios de bens. A produção é feita por todos, divididos entre a agricultura e outros ofícios. Nesse sistema, todo o luxo foi banido; portanto, pouco trabalho é suficiente para garantir o bem-estar de seus habitantes.

A célula social é formada pela família, geralmente numerosa. Acima desta encontra-se um magistrado, ou *sifogrante* ou *filarca*, eleito anualmente. Os vários *sifograntes* elegem o governador, chamado Ademo, que possui cargo vitalício. Apesar disso, seu poderio é delimitado por outras instituições, como o Senado, e, caso seja acusado de tirania, é destituído do governo.

Toda a vida econômica e social utopiana é rigorosamente ordenada. Deslocamento de um local para o outro, crescimento demográfico, educação, hospitais: tudo está regido por normas rigorosas, que os habitantes da ilha seguem à risca. No entanto, em suas instituições prevalece a ideia de trazer a felicidade para o indivíduo – por isso, os cidadãos tem direito a adquirirem, ao longo da vida, horas cada vez maiores para consagrá-las ao cultivo da alma e à liberdade.

Apesar dessas benesses, o país utopiano também emprega trabalho escravo. Trata-se, além da utilização de estrangeiros, de homens culpados de ignomínia. Apesar do fato, pouco se lançam a guerras, somente quando outros meios de recorrer à paz se mostram infrutíferos.

Estas e outras características fazem da ilha de Utopia, em comparação a outros locais, nas palavras de Rafael Hitlodeu “não só a melhor, mas a única que possa reivindicar com justiça o nome de República” (MORUS *apud* BACZKO, *op. cit.*, p. 341). De acordo com Morus, nas palavras de Hitlodeu, do exemplo do país dos utopianos se poderiam tirar “lições com vista a corrigir os abusos que afligem as nossas cidades, nações, povos e reinos” (MORUS *apud* BACZKO, p. 334). Ao final da narrativa, Morus se questiona se tal sistema funcionaria em outro lugar, desejando, entretanto, que as disposições utopianas fossem tentadas em outros países.

Várias leituras têm surgido ao longo dos tempos para tentar dar cabo da obra. Algumas delas afirmam que Morus teria tirado sua inspiração de algumas tribos indígenas que conheceu na América; outros, que suas fontes seriam os textos clássicos, como a *República*, de Platão. E, ainda, uma vertente acredita ser a obra uma das primeiras críticas à acumulação desenfreada do capitalismo nascente. Para Baczko,

não podemos entrar em todos esses debates. Limitemo-nos a verificar que a *Utopia*, como qualquer grande texto literário e filosófico, define um campo de multiplicidade de sentidos, prestando-se assim a leituras igualmente múltiplas. (*id.*, *ibid.*, p. 342).

Multiplicidade que se constitui em um paradigma que durou por séculos e que assume várias formas: trata-se de um paradigma literário, por apresentar uma viagem imaginária sob a qual o narrador descobre uma cidade diferenciada, a qual esse mesmo narrador faz descrição detalhada. Também de um paradigma específico do imaginário social, visto que representa uma sociedade radicalmente diferente, situada em lugar indeterminado no tempo-espaço. E, ainda, uma representação da sociedade que se opõe à vigente.

Essa multiplicidade característica do texto está presente no próprio nome, *Utopia*. Uma das interpretações é *u-topia*, lugar que não existe, lugar nenhum; mas pode também derivar da *eu-topia* dos textos platônicos, isto é, o melhor país. Pode significar ambas as coisas: a melhor comunidade política como uma comunidade imaginária, mas que não existe em parte alguma. A relação entre imaginário e realidade está desde cedo presente nos textos utópicos, trazendo a questão: uma utopia se realiza porque é imaginada, criada, ou trata-se apenas de sonho distante e impossível?

Essas conjecturações continuam nos desdobramentos da utopia enquanto gênero discursivo e na utopia enquanto estrutura do imaginário social. De acordo com Baczko,

uma vez instalado como regime do imaginário social, o paradigma utópico adquire ao mesmo tempo uma inércia e um dinamismo. Pela força da imitação, as narrativas utópicas multiplicam-se e constituem por si sós uma longa série. Contudo, o discurso utópico não fica de modo algum preso ao modelo narrativo inventado por Moro [Morus]. A utopia, enquanto representação de alteração social, da Cidade Nova situada num algures imaginário, depressa se revela multiforme no plano discursivo. (*id.*, *ibid.*, p. 346)

Nesse sentido, a utopia representa principalmente uma *alteração social*, uma crítica ao sistema vigente. Apresentando em suas características geralmente uma viagem a um local imaginário – mistura de realidade e ficção –, uma estrutura social diferenciada, normalmente mais “perfeita”, ou mais bem acabada que a real, de ordenação rígida e funcionamento ideal, e

uma final saída ou abandono desse local, a utopia sugere um contraste, uma comparação entre imaginado ou desconhecido – que se faz conhecer durante essa alteração da viagem – e realidade.

Entretanto, com que pese suas características delimitadas, o gênero sofreu mudanças ao longo dos séculos. Conforme o número de textos utópicos vai crescendo, suas fronteiras vão se alargando, abarcando diversos aspectos da dinâmica social e cultural. Além disso, o neologismo criado por Morus foi amplamente utilizado para designar gêneros distantes, concebidos em diferentes épocas, que representavam uma sociedade ideal, tal como a *República* de Platão. Mesmo textos declaradamente não ficcionais, como os de Saint-Simon ou Fourier, foram considerados utópicos por sua proposta de transformação da sociedade.

Não nos deteremos em um relato de suas transformações, visto que uma característica específica do conceito nos prende a atenção: a *antiutopia*, ou *distopia*. Segundo Baczkó, as utopias produzidas durante os séculos XVI e XVIII, embora abundantes, pecavam muitas vezes pela mediocridade literária, repetindo sempre a fórmula de uma narrativa de viagem imaginária, no modelo de Morus.

Apenas a partir da segunda metade do século XVIII verifica-se uma mudança desse paradigma. O destaque fica por conta das *Viagens de Gulliver*, de Swift (1726), que inverte e mistura os gêneros existentes. Nessa narrativa, a sociedade imaginária transforma-se em uma contra-sociedade, visão caricata de uma sociedade autoproclamada ideal e sátira da ordem social. Swift foi, portanto, o primeiro a utilizar-se – senão a inventar – o gênero contra-utópico, escrevendo uma obra de destaque entre as demais utopias.

De acordo com Baczkó, com o desgaste de antigas fórmulas, a criatividade utópica ramificou-se. Seus contornos, contudo, tornaram-se mais vagos. “As fronteiras das utopias tornam-se particularmente fugidias; a escolha das estratégias discursivas enriquece-se; as ideias-imagens utópicas servem de trampolins às outras formas de imaginários” (*id., ibid.*, p. 366).

O fenômeno da distopia, contudo, permaneceria isolado até o início do século XX e, sobretudo, até a Primeira Guerra Mundial, quando se tornaria quase uma regra. De acordo com Baczkó, o florescimento desse tipo de narrativa vai de encontro com o aperfeiçoamento das técnicas narrativas; contudo, trata-se também de um novo posicionamento frente à utopia. A desilusão com o progresso trazida com os horrores da Primeira Guerra Mundial, as crises e profundas transformações políticas por que passou o mundo na virada do século implicaram na incerteza e no medo – matéria primordial nas narrativas distópicas. Para o autor, “à

semelhança das utopias, também as antiutopias trazem sobretudo uma contribuição preciosa acerca das esperanças, angústias e temores da época em que foram escritas”. (*id., ibid.*, p. 363).

Indo além, as distopias ou antiutopias, através do jogo de espelhos entre o futuro suposto e o presente conhecido, questionam o papel das próprias utopias no mundo contemporâneo, mesmo que estas não tenham sido realizadas ainda. Trata-se não só de por em cheque o futuro prometido, mas de refletir sobre as próprias promessas deste futuro que têm influência sobre o presente.

Destarte, podemos considerar a obra de Gastão Cruls como uma distopia ou antiutopia. Trata-se de uma visão de sociedade não tida como ideal, mas como modelo a ser evitado, visto suas incongruências e conflitos, visíveis no texto. A essa questão voltaremos abaixo.

### **3.2 O romance especulativo inglês**

Outra fonte de influência para *A Amazônia misteriosa* está nos romances epistolares, sobretudo ingleses. Narrativas como *Frankenstein* (1818), *Dr. Jekyll and Mr. Hide* (1886) e *Drácula* (1897), que apresentam caráter altamente descritivo, favorecendo o exercício imaginativo dos escritores, apresentam semelhança com a descrição pormenorizada feita por Cruls em sua obra. Além disso, um elemento peculiar a esses textos é a origem instigante da autenticidade dos textos narrados, que são narrativas em primeira pessoa recheadas de elementos fantásticos, tal como os caracterizam Todorov (*op. cit.*).

Esse tipo de romance foi sendo modelado nos contornos do imperialismo europeu, sobretudo britânico. Conforme o imperialismo ia avançando sobre territórios desconhecidos da África, Ásia e também América, os habitantes da metrópole foram tomando curiosidade sobre vidas e culturas distintas da sua. Desta forma, as narrativas de mundos perdidos são próprias do período, entrando em declínio nas novas configurações do mundo pós-guerra. “Após o fim da Segunda Guerra Mundial o planeta já não possuía territórios desconhecidos e os heróis passaram a ser enviados para o espaço sideral” (SILVA, *op. cit.*, p. 144).

Silva faz a diferenciação entre os romances utópicos/ distópicos e os de aventura. Embora apresentem muitas características em comum, os dois gêneros narrativos se diferenciam quanto ao tratamento dado aos elementos. Na utopia ou distopia observamos uma crítica de uma estrutura social, através da comparação entre duas sociedades distintas. O

romance de aventura, no entanto, tem por objetivo primordial entreter e, por isso, a problematização dos elementos sociais acaba por ficar em segundo plano.

Repensando a obra de Cruls, percebemos então que esta vai além de uma simples versão brasileira de um gênero de entretenimento inglês. Trata-se de uma verdadeira crítica de determinado aspecto da sociedade.

### **3.2 Os elementos distópicos do texto**

Ao enquadrarmos a obra *A Amazônia misteriosa* enquanto distopia, temos de refletir primeiro sobre os elementos que configuram a mesma com gênero utópico. A própria viagem inicial dá a característica utópica: exploradores que estão indo para um local desconhecido, a Amazônia – que embora real, torna-se no texto quase tão lendária como a ilha de Utopia de Morus, visto ser uma região ainda quase inexplorada, e permeada de mitos e lendas que a tornam misteriosa. Além disso, os personagens se perdem e acabam adentrando o território da tribo perdida das Amazonas, lance fantástico que os traz para um ambiente totalmente novo.

No entanto, a narrativa não prefigura um texto utópico clássico, mas sim uma distopia. Os elementos distópicos se fazem presentes no texto por dois vieses: por um lado, a sociedade lendária das Amazonas e, por outro, o elemento científico, encabeçado pela figura do Dr. Hartmann.

#### **3.2.1 A sociedade das Amazonas**

Ao nos depararmos no texto com a narrativa da sociedade das índias guerreiras, percebemos inicialmente uma ordem reinante: as índias convivem bem com o meio que as cerca, aparentam não precisar de homens na tribo para sobreviver, são protegidas através de laços diplomáticos por outras tribos, tem uma sociedade rigidamente organizada, em que a idade de cada indivíduo marca seu papel na ordem social. Toda a produção da tribo é dividida igualmente, em uma produção dividida conforme as habilidades e a idade para cada indivíduo. As índias possuem ainda instituições sólidas, rituais e tradições mantidos por longo tempo.

Contudo, sua estrutura social demonstra, longe de uma sociedade ideal, os níveis desiguais observados pela tirania de seus costumes e leis. O próprio nascimento da tribo configura uma possível história de tirania. De acordo com uma das lendas, as Amazonas



seriam as mulheres e filhas dos soldados e comandantes incas que, inconformadas com a conquista espanhola, matam seus companheiros e fogem para a América do Sul, escolhendo não manter então mais nenhum homem entre elas.

Deste modo, à prole do sexo masculino não cabe lugar nessa sociedade, devendo ser então ou doado a outra tribo, ou ficar à mercê dos experimentos do médico estrangeiro. Aliás, a este é oferecida a oportunidade de fazer o que quiser com as crianças, com a complacência das Amazonas. Destarte, todas as habitantes do lugar devem obedecer rigidamente às regras; caso contrário, são punidas, conforme percebemos através de lendas contadas sobre índias desobedientes. Não há também escapatória a seu destino, visto a resolução de Malila em não fugir junto com o narrador, Pacatuba e Rosina.

A uma suposta romantização da vida das Amazonas, descendentes diretas do esplendor do Império Inca, percebemos uma narrativa que demonstra a rigidez das estruturas sociais e as dificuldades inerentes a ela, ressaltando suas qualidades, mas, sobretudo, seus defeitos.

### 3.2.2 A vigência da ciência

Entretanto, o elemento chave que dá forma à obra como uma distopia é o científico. Ao retratar o progresso da ciência, através dos experimentos do Dr. Hartmann, que beneficiariam toda a humanidade – “[...] cheguei à grande síntese biológica, que há-de revolucionar o mundo.” (CRULS, 1944, p. 198), Gastão Cruls ressalta seus elementos perigosos e contraditórios. Ao longo de toda obra, percebemos direta ou indiretamente o olhar crítico com que a ciência – em especial a Medicina – é colocado.

Iniciando pelo começo da viagem: muitas vezes o conhecimento acadêmico portado pelo narrador, um médico, não é o suficiente para resolver os problemas que se lhe apresentam a vida selvagem. Uma hora, seu auxiliar Manoel “adivinha” a chuva, só de sentir a diferença de cheiros no ar, apesar do tempo parecer limpo (*op. cit.*, p. 18). Em outro momento, um remédio popular natural preparado por Pacatuba, à base de banha de jacuarú (uma espécie de lagarto), faz mais efeitos do que o quinino receitado pelo *doutor* para curar o pé ferido de Braulino. O próprio fato de a expedição se perder na floresta, apesar de todos os cuidados, atesta a instabilidade do conhecimento científico.

Outrossim, resquícios mais sutis do questionamento à ciência vão aparecendo ao longo da narrativa. Em uma passagem sobre o desenrolar da Primeira Grande Guerra, o narrador se

questiona: “Ainda perdurará pela Europa o sôpro de loucura que ensanguentou os países mais civilizados?” (*id.*, p. 24). Trabalhando a todo momento com os conceitos “civilização *versus* barbárie”, o autor parece indicar-lhes sua fragilidade. A civilização do progresso, a infalibilidade da ciência são as mesmas que proporcionaram os horrores de uma guerra até então nunca vista, verdadeira *barbárie* em solo europeu.

Por outro lado, a suposta “barbárie” envolvendo tribos indígenas parece ser questionada quando, por diversos momentos, seus conhecimentos são primordiais para a resolução de alguns problemas – principalmente o conhecimento envolvendo curas de doenças. Alguns de seus remédios, como o *curare*, apresentavam ao narrador e ao médico alemão eficácia comprovada, mesmo sem os dois atinarem com a fórmula utilizada pelos indígenas (*id.*, *ibid.*, p. 124).

Contudo, a questão mais premente se faz quando da descoberta dos experimentos de Hartmann pelo narrador. Surpreendido pela crueldade de experimentações genéticas que visavam modificar a compleição das crianças, transmutando-as como bichos, o narrador questiona seu interlocutor, que defende veementemente a necessidade de tais atividades. Tudo em prol de um bem maior, as descobertas científicas, que poderiam proporcionar uma verdadeira revolução no que se conhecia até então.

O narrador até então se mostrara partidário de algumas ideias spencerianas, em passagens como esta, em que o narrador encontra pela primeira vez Rosina:

Creio que ao divisar tal vulto, a minha satisfação não foi menor à de Humboldt, quando, subindo o rio Orinoco, se lhe deparou, em plena selvatiqueza da flores equatorial e de mistura à numerosa tribu dos Salivas, uma rapariga do mais puro sangue ariano e que êle soube depois ser irmã de um religioso alí em missão. (*id.*, *ibid.*, p. 77)

Como demonstra Lilia Moritz Schwarcz (2005), desde meados do século XIX, o Brasil era apontado como um dos países mais mestiços. Entretanto, ideias como as de Gobineau e Galton predominavam, e essa característica era vista como perniciososa. Apesar de, como demonstrar a autora, serem as teorias raciais por vezes discordantes em alguns pontos, e terem sido no Brasil utilizadas de maneiras particulares (*id.*, *ibid.*, p. 43), deixaram marcas indeléveis, especialmente no que tange ao conhecimento e imaginário popular. A mentalidade comum da época repetia, irrefletidamente, os axiomas propagados pelo cientificismo, auxiliando a perpetuação da exclusão social, do racismo e de estruturas sociais arcaicas.

De outra feita, quando comenta sobre os “instrumentos de música bárbaros” portados pelas índias (CRULS, *op. cit.*, p. 131), dá novas mostras da dicotomia “civilização *versus*

barbárie”. Entretanto, esse mesmo narrador levanta questionamentos quanto aos problemas éticos envolvidos nos experimentos realizados pelo Dr. Hartmann. Embora não pareça se desfazer de todo do aparato ideológico que o faz tomar por ideal a noção de “civilização”, o *doutor* parece ao menos se preocupar com os limites da ciência – fato que Hartmann nem observa.

Sobre essa questão, Rodrigo Gurgel baseia sua crítica do livro *A Amazônia misteriosa*, em artigo no jornal literário *Rascunho* (2014). De acordo com o autor, a história narrada por Gastão Cruls se apresenta inverossímil e mal construída, haja vista seu personagem principal, o narrador, apresentar ideias por vezes contraditórias sobre a questão científica. Para Gurgel,

Não há espaço para crises ou conflitos no romance. O protagonista se refestela em seus divertimentos bucólicos, a possível discussão ética é jogada no limbo e os personagens, hábeis contemporizadores, simplesmente seguem a vida, cada um divertindo-se em seu universo particular — enquanto as corajosas amazonas caçam, pescam, plantam e se comportam de forma servil. (GURGEL, 2014).

Há, realmente, uma quebra narrativa, já comentada em capítulo anterior deste estudo. Após descobrir os experimentos de Hartmann, e ser informado por este que teria de permanecer “preso” no local, o narrador se volta para divertimentos diversos, como observar as amazonas em suas atividades de caça e pesca. No entanto, sugerimos aqui não se tratar de “jogar no limbo” as discussões éticas. Parece-nos, diversamente, que o texto momentaneamente foca a vida pacata e ordenada das amazonas, com seus trabalhos e lazeres diários, para, ilusoriamente, dar a impressão de contentamento. É a distopia fazendo-se de utopia. Esse cenário não permanece, contudo, por muito tempo; logo dá-se a retomada da discussão ética e a tentativa de fuga dos personagens, como veremos abaixo.

Além disso, o narrador se nos apresenta contraditório por elementos que constituem sua história de vida. Como descobrimos ao longo da narrativa, trata-se de também de um médico, que, apesar de distante da profissão, carrega conceitos e visões próprias do mundo da ciência. Deste modo, sua confusão quanto às opiniões sobre os experimentos do Dr. Hartmann se fazem compreensíveis, visto que postas à prova de suas base de conhecimento até o momento.

Se o narrador se mostra hesitante, Rosina, a esposa francesa de Hartmann, vai além. Quando discute com o narrador sobre o horror do estado das crianças, ouve a resposta: “mas depois que a gente se convence do alcance dos seus estudos e sabe que êle só se aproveita de crianças irremediavelmente perdidas...” (*id., ibid.*, p. 218). Ao que retruca que não acreditava

que essa pudesse ser a única possibilidade existente para as pesquisas e para as crianças. Conta, ainda, do sírio inutilizado por seu marido através de um dos experimentos, afirmando: “Ele é um homem que só enxerga os interesses da ciência. E se eu disser que êle quis fazer comigo o tal produto que conseguiu depois pelo cruzamento de uma índia com o macaco?” (*id., ibid.*, p. 220).

Nesse trecho, percebe-se a ambição sem limites, que levava o Dr. Hartmann a desejar impetrar o suplício dos experimentos até mesmo em sua esposa. De fato, em alguns momentos Cruls nos mostra uma faceta desconhecida do médico alemão. Geralmente muito calmo e possuidor de um olhar frio, quando da revelação de seus experimentos para o narrador, mostra-se outro:

Ao fazer-me esta pergunta, o Sr. Hartmann, aquele mesmo homem frio e secarrão que já habituara ao seu permanente ar de reserva, tinha a voz dominada pela emoção e os seus olhos, escancelados e febrís, cujas pupilas pareciam de aço, chamejavam com fulgor estranho e intimidante. (*ibid.*, p. 196).

Parecia, como notara o narrador, beirando à loucura. Essa representação do alemão aponta para o questionamento das ideias defendidas por ele. Roger Chartier (1991), em artigo conhecido sobre as práticas de leitura e a história do livro no Antigo Regime francês, retoma o conceito de “representação coletiva” da sociologia de fins do século XIX e início do XX, a fim de discutir as simbologias, significados e construções presentes em vários âmbitos sociais, principalmente no que concerne às produções culturais.

Este conceito está pautado por três pontos de relação com o mundo social. O primeiro está relacionado às classificações e recortes do trabalho intelectual que constroem e refletem sentidos nas múltiplas camadas da sociedade. O segundo, relacionado às práticas sociais e culturais que traduzem identidades, simbologias e posições. E, por fim, o terceiro se refere à institucionalização e representatividades oficiais que amplificam práticas e símbolos e marcam a existência de coletividades em suas diversas formas.

É necessário, porém, uma melhor definição do conceito de “representação”. Em suas várias acepções, a palavra pode significar: 1) representação coletiva associada à mentalidade e classificação social; 2) representação política; 3) representação no âmbito teatral; 4) representação social relacionada a classes ou grupos identitários. No desenvolvimento e utilização que faz da palavra, o autor relaciona-a com as formas de significação e transformação do real em símbolos e imagens decifráveis e acessíveis.

Nesse sentido, a representação contém uma ausência que pode ser traduzida por outra presença. É o modo de transformar, através de signos e imagens, algo ausente em presente, visto que a imagem ou signo que representa o objeto lhe é homóloga e, portanto, se traduz como equivalente. Esses signos e imagens são diferentes construções do real, diferentes sentidos dados ao mesmo, feitos por diferentes coletividades.

Assim sendo, a representação parte da relação entre um signo visível e seu significado, embora estes nem sempre possam ser compreendidos em suas verdadeiras acepções. Parte deste último ponto o que autor denomina como “fraqueza da imaginação”, ato de considerar os signos visíveis como a realidade que na verdade não é. No caso específico da obra aqui abordada, percebemos a representação, isto é, a transformação através de signos e imagens, da figura do cientista.

Não só a figura em si, mas o que ela significa. Apresentar Hartmann como um homem beirando à loucura por conta de seus experimentos implica em transformar a figura do homem da ciência – aqui considerada apenas em seus extremos – como um ser cujos objetivos ultrapassam as fronteiras do entendível. É o homem obcecado por seus experimentos e certo da razão e da finalidade na ciência, que não reflete sobre as questões éticas envolvidas em seu trabalho. Não especificamente o Dr. Hartmann, mas todos aqueles que, médicos ou não, estão envolvidos com a ciência de tal maneira que extrapola todas as considerações humanas, éticas ou morais relacionadas.

A preocupação de Hartmann com os experimentos era tanta que ele faz com que o narrador, depois de descobrir seus segredos, fique aprisionado na aldeia até que todos possam regressar juntos. De fato, passa-se algum tempo assim, até que, desconfiando de intentos ainda piores – a continuação das pesquisas de afasia, provavelmente no *doutor* – o narrador e Rosina resolvem fugir.

A fuga ou saída do local, outra característica utópica/distópica da obra, acaba por terminar de forma trágica, com a morte de Rosina, flechada por índios inimigos. A esse mundo distópico se sobressai a impressão de que a marcha “indelével” do progresso é, além de perniciosa, inevitável, visto que o Dr. Hartmann permanece fazendo suas experiências, com a complacência das amazonas. Enquanto isso, os fugitivos mal conseguem escapar – pelo menos não sem uma baixa no grupo.

## Considerações finais

O relato de *A Amazônia misteriosa* apresenta-se como peculiar dentro da ficção brasileira. Além de sua proximidade com as narrativas da surgente ficção científica e dos romances epistolares britânicos, traz elementos que o possibilitam enquadrá-lo numa distopia. Trata-se de uma verdadeira crítica aos limites da ciência, envolvendo suas questões éticas, a discussão entre a civilização *versus* a barbárie e a ideia do progresso científico inexorável. De acordo com Baczko,

Nada há de mais sério do que inventar uma representação da sociedade, especialmente uma representação da melhor sociedade possível, isto é, a comunidade da felicidade realizada. A ‘convenção utópica’ implica uma actividade intelectual que se afirma de maneira autónoma, na medida em que tira a sua legitimidade de si própria, da pesquisa desinteressada do verdadeiro, do bom e do belo. Os narradores da *Utopia*, quer se trate de Moro [Morus] ou de Hittoldeu, não contam um mito nem se reclamam de uma verdade revelada. Não são profetas nem iluminados, mas sim ‘filósofos’ que inventam, que *constroem*, através do seu trabalho intelectual, representações que são como outros tantos artefactos.” (BACZKO, *op. cit.*, p. 344)

Desta forma, o autor se posiciona enquanto intelectual, reivindicando um local específico, a literatura, em que pode recriar, imaginar e discutir o político e o social.

Ao criar um narrador descrente com as consequências advindas da pesquisa científica sem limites, Cruls nos apresenta uma denúncia social. No entanto, em seus limites essa preocupação também é individual e psicologizante, visto abordar as angústias, desejos e reflexões que ultrapassam um local ou período específico – as questões relativas ao desenvolvimento e envelhecimento de um ser humano, e sua relação com seus demais. Trata-se, nesse sentido, de uma abordagem social, mas também psicológica, tal como já aponta Maia (2005, *op. cit.*).

Por outro lado, Cruls também foi sensível à discussão das questões relacionadas ao universo brasileiro. Soube relatar a região amazônica de forma crível – mesmo sem ter estado fisicamente no local quando da escrita do livro –, baseado em ampla pesquisa bibliográfica. Além disso, esteve atento ao relacionamento, por vezes conflituoso, dos diversos elementos que compõe a sociedade de seu tempo: indígenas, homens brancos do ambiente urbano, nordestinos do sertão...

As possibilidades analíticas da obra não se esgotam; inversamente, pretendemos nesse estudo apenas dar um enfoque específico à temática tão abrangente da crítica à ciência presente na literatura. Além dessa fonte, a obra de Gastão Cruls permite outras abordagens,

como as questões de identidade nacional, representadas pelo contraste entre os personagens brasileiro (o narrador e outros), francês (Rosina) e alemão (Hartmann), em um período delicado como o da Primeira Guerra Mundial; as representações geográficas que faz da Amazônia; as questões relativas à linguagem regional utilizada na obra, dentre tantas outras.

## Referências bibliográficas

- BACZKO, Bronislaw. Verbetes: Utopia. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. *Anthropos-Homem*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, p. 173-191. 1991.
- CRULS, Gastão. *A Amazônia misteriosa*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélio Valverde, 1944.
- GURGEL, Rodrigo. Tediosa floresta. *Rascunho*, maio de 2014. Disponível em: <[rascunho.gazetadopovo.com.br/tediosa-floresta/](http://rascunho.gazetadopovo.com.br/tediosa-floresta/)>. Acesso: 16.mai.2014.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HOBBSAWN, Eric. A era da catástrofe. In: \_\_\_\_\_. *A era dos extremos: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 29-222.
- IACHTECHEN, Fabio Luciano. O discurso eugênico através da literatura: impressões sobre o início do século XX. In: GRUNER, Clovis,; DENIPOTI, Claudio (Org.). *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. pp. 77-103.
- PÉCAUT, Daniel. A geração dos anos 1920-40. In: *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*; trad. Maria Júlia Goldwaser. São Paulo: Ática, 1990. pp. 19-96.
- RODRIGUEZ, Ricardo Velez. A ditadura republicana segundo o apostolado positivista. In: BARRETO, Vicente; PAIM, Antonio; RODRIGUEZ, Ricardo Velez. *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro*. Vol. 5. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- SEVCENCKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Editora Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 7-37.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*.

SILVA, Alexander Meireles. *O admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX*. 2008. 193f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura/ Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

STAM, Robert. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação*. Trad. Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. pp. 18-40.

\_\_\_\_\_. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 51, pp. 19-53, jul/dez. 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012. 4ª ed.

VILELA, Marcos Antonio Maia. O fantástico duplo de Edgar Allan Poe e Gastão Cruls. *Anais eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura, São Cristóvão*, v. 4, 3 e 4 de maio de 2012, p. 1-14. Disponível em:

<[http://200.17.141.110/senalic/IV\\_senalic/textos\\_completos\\_IVSENALIC/TEXTTO\\_IV\\_SENALIC\\_193.pdf](http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXTTO_IV_SENALIC_193.pdf)>. Acesso: 14.mai.2014.